

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
LINGUAGENS**

DELVANI MENDES BARBOSA

**OS DESAFIOS E A ALQUIMIA PEDAGÓGICA DOCENTE NA PANDEMIA:
UM OLHAR SOBRE A ESCOLA MUNICIPAL BOAVENTURA PEREIRA
LEITE**

CURVELO 2025

DELVANI MENDES BARBOSA

**OS DESAFIOS E A ALQUIMIA PEDAGÓGICA DOCENTE NA PANDEMIA:
UM OLHAR SOBRE A ESCOLA MUNICIPAL BOAVENTURA PEREIRA
LEITE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista, nas áreas de concentração Ciências Humanas e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Gonçalves da Silva

Barbosa, Delvani Mendes.
B238d Os desafios e a alquimia pedagógica docente na pandemia: um
olhar sobre a escola municipal Boaventura Pereira Leite / Delvani
Mendes Barbosa. – 2025.
57 f. : il.
Orientador: Adriano Gonçalves da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Centro Federal
de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-
Graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências Humanas e
Linguagens, Curvelo, 2025.
Bibliografia.

1. Educação a distância. 2. Pandemias. 3. COVID-19. I. Silva,
Adriano Gonçalves da. II. Título.

CDU: 37.011.3

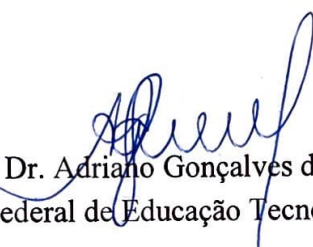


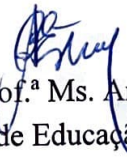
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Campus Curvelo
Rua Raymundo Mattoso, 900, Bairro Santa Rita, Curvelo - MG.
CEP: 35.790-636 - Tel: (38) 3729-3900

DELVANI MENDES BARBOSA

OS DESAFIOS E A ALQUIMIA PEDAGÓGICA DOCENTE NA PANDEMIA: UM OLHAR
SOBRE A ESCOLA MUNICIPAL BOAVENTURA PEREIRA LEITE

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, Campus Curvelo, em 14 de maio de 2025 como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso constituída pelos(as) professores(as):


Prof. Dr. Adriano Gonçalves da Silva – Orientador
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais


Prof.ª Ms. Ana Cecília Estevão
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais


Prof.ª Dr.ª Marina Leite Gonçalves
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens
Departamento de Formação Geral
CEFET-MG – Campus Curvelo

Resumo: Essa pesquisa surge a partir da proximidade da pesquisadora do contexto da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, que ao perceber os efeitos da pandemia, questionava sobre as condições que os alunos teriam para assistirem aulas em suas casas e as estratégias necessárias no retorno desses alunos à escola. Assim, o objetivo geral deste trabalho foi investigar os impactos causados pela pandemia da COVID-19 no processo de ensino e aprendizagem da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite. Este estudo, de natureza qualitativa e descritiva, buscou fazer um mergulho em busca de respostas às questões problematizadas, apoiando-se na pesquisa bibliográfica, documental e de campo como caminhos. Apesar das dificuldades, ao longo deste período, a escola adquiriu aprendizados valiosos que contribuíram para a melhoria contínua das práticas pedagógicas. A experiência vivida, com certas dificuldades, serviu para aprimorar o entendimento sobre os desafios do ensino remoto e as novas necessidades do processo educativo. Dessa forma, a instituição agora dispõe de um histórico que possibilita a antecipação de decisões mais assertivas e eficazes, com base em experiências anteriores que favorecem a remodelação de estratégias de ensino e a reorganização dos métodos de atendimento em tempo real. Às professoras, coube um acúmulo de demandas, exigindo um fazer pedagógico alquimista, mesclando suas práticas educacionais tradicionais, metodologias ativas e muita criatividade com as novas tecnologias, inspirando e construindo um fazer educacional criativo e transformador, apesar do caos vivido.

Palavras-chave: Pandemia; Ensino Remoto; Educação.

Abstract: This research arose from the researcher's proximity to the context of the Boaventura Pereira Leite Municipal School. Upon observing the effects of the pandemic, the researcher questioned the conditions students would have to attend classes from home and the necessary strategies for their return to school. Thus, the objective of this work was to investigate the impacts caused by the COVID-19 pandemic on the teaching and learning process at the Boaventura Pereira Leite Municipal School. This qualitative and descriptive study sought to delve into the context of the problematized questions, relying on bibliographic, documentary, and field research. Despite the difficulties encountered during this period, the school acquired valuable lessons that contributed to the continuous improvement of pedagogical practices. The experience, with certain challenges, served to enhance the understanding of the challenges of remote teaching and the new needs of the educational process. In this way, the institution now has a history that allows for more assertive and effective decision-making, based on previous experiences that favor the reshaping of teaching strategies and the reorganization of real-time service methods. The teachers faced an accumulation of demands, requiring an alchemical pedagogical approach, blending their traditional educational practices, active methodologies, and a great deal of creativity with new technologies, inspiring and building a creative and transformative educational practice, despite the chaos experienced.

Keywords: Pandemic; Remote Teaching; Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 A PANDEMIA DA COVID-19 E O IMPACTO NA EDUCAÇÃO.....	7
3.1 O mundo parou, e a Educação se reinventa sobre ruínas	15
3.2 A implementação das atividades pedagógicas não presenciais na Escola Municipal Boaventura Pereira Leite.....	19
3.3 Fundamentação legal.....	23
3.4 A realidade da Educação na pandemia: um olhar sobre a Escola Municipal Boaventura Pereira Leite.....	24
4 ALQUIMIA PEDAGÓGICA: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DAS PROFESSORAS DURANTE A COVID-19	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA	46

1 INTRODUÇÃO

O estudo apresentado nesta monografia foi motivado por uma realidade vivida em minha trajetória enquanto auxiliar de serviços gerais na Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, na cidade de Curvelo – MG, durante a pandemia da COVID-19, causada pelo vírus SARS-Cov-2. A partir de então, passamos a lidar com uma dura, obscura e triste realidade. As escolas foram fechadas em 20 de março de 2020, e nós, fomos orientados a permanecer em casa, confinados, ou seja, em isolamento social. Desde então, várias indagações surgiram e todas sem respostas, até que o país entrou em *lockdown*.

Em junho de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) regularizou os protocolos sanitários para a flexibilização do isolamento. Diante disso, fomos orientados a retomarmos nossas atividades laborais, respeitando todas as orientações e protocolos de segurança impostos pela OMS. Retornar ao meu local de trabalho, deparar com um prédio vazio e com a ausência daqueles que dão vida a uma escola, colocou-me diante de alguns desafios com infindáveis indagações, derivadas de leituras do cenário que se apresentava naquele momento.

É perceptível que a pandemia acentuou as desigualdades socioeducacionais preexistentes no cotidiano dos alunos, ao passo que reforçou e deu notoriedade às fragilidades do sistema educacional brasileiro. Assim, em uma breve análise sobre o momento crítico que passamos durante o ano de 2020 com a pandemia no Brasil, percebe-se que as desigualdades que já eram constantes no cotidiano dos alunos de baixa renda da rede pública de ensino eclodiram, exacerbando ainda mais os desafios e as limitações vividas diariamente por eles no que diz respeito à educação que passou a envolver o uso de tecnologias.

Do momento em que se deu o início inesperado da pandemia da COVID-19, à paralisação e ao isolamento social, as atividades da rede educacional foram interrompidas, causando impactos que variam amplamente, e vão desde a saúde, empregos e a economia aos efeitos diretos na educação como os déficits na aprendizagem. Esses corroboraram para que grande parte dos alunos não assistisse às aulas online, elevando os índices de evasão escolar. Segundo o site Brasil 61 (2024):

O número de crianças e adolescentes fora da escola aumentou 171% durante a pandemia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao todo, 244 mil meninos e meninas de 6 a 14 anos não estavam matriculados no segundo trimestre de 2021, cerca de 154 mil a mais que em 2019.

Por estar próxima do contexto da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, e perceber os efeitos da pandemia, questionava-me sobre as condições que os alunos teriam para acessar

internet em suas casas, e quais as possibilidades de assistirem aulas em suas casas, e, as estratégias necessárias no retorno desses alunos à escola. Colaborando para a compreensão dos impactos da pandemia e do isolamento social no contexto da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, questioneei: Como a escola se organizou perante as mudanças impostas pela pandemia? Quais desafios enfrentaram? Como planejou o ensino remoto? Quais estratégias foram utilizadas para a recomposição da aprendizagem? Como as professoras atuaram diante desses desafios e estratégias?

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi investigar os impactos causados pela pandemia da COVID-19 no processo de ensino e aprendizagem da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite. Esse objetivo desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos: analisar os impactos gerais da pandemia sobre a educação; identificar normas e planejamentos adotados no âmbito da escola relacionados ao ensino remoto; compreender como professoras atuaram diante dos desafios e estratégias relacionados ao isolamento social, ensino remoto e recomposição da aprendizagem.

Ainda que a pandemia e o isolamento social tenham se encerrado, esse estudo se justifica por ser necessário continuar estudando e refletindo sobre seus efeitos e lições, dando atenção às transformações sociais, o papel da ciência e os desafios enfrentados por estudantes e professores. Alguns estudos têm enfatizado esses efeitos na educação, como o de Oliveira, Souza e Lago (2024) que estudou os impactos da pandemia na rede particular de educação de São Luís – MA, Sousa et al. (2024) que analisou os desafios educacionais gerados pela pandemia na região metropolitana de Manaus – AM, e Dantas, Almeida e Cabral (2024) que refletiram sobre os impactos da pandemia na educação do Distrito Federal.

Nesse sentido, estudar uma escola periférica do município de Curvelo – MG revelou uma condição que atingiu o mundo inteiro foi enfrentada nesse contexto particular. Tal vivência levou ao desenvolvimento desse estudo que evidencia os desafios e possibilidades para o futuro da educação. A Escola Municipal Boaventura Pereira Leite é uma instituição pública que atende 474 alunos matriculados nos períodos da Educação Infantil, nos anos do Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A instituição, que tem sua gênese como Escola Singular Bom Jesus em 1960, fica localizada no Alto Bom Jesus em Curvelo e atende a uma clientela diversificada, sendo composta por crianças e adolescentes procedentes de onze bairros: Alto dos Pinheiros, Alto Bom Jesus, Bandeirante I, Bandeirante II, Jardim Eldorado, São Geraldo I, Santa Cruz, Santa Maria, Serra Verde, Guimarães Rosa e Lúcio Cardoso. Os alunos são oriundos de famílias, nas quais o nível de instrução da maioria dos pais é o Ensino Fundamental incompleto, uma minoria possui o Ensino Médio e ainda persiste um considerável

índice de pais analfabetos. A média de salário é de um salário-mínimo e muitas destas famílias são atendidas por programas sociais do governo federal para famílias de baixa renda. Registra-se também alto índice de desemprego e autônomos.

É nesse contexto que este estudo, de natureza qualitativa e descritiva, buscou fazer um mergulho em busca de respostas às questões problematizadas, apoiando-se na pesquisa bibliográfica, documental e de campo como caminhos. Enquanto pesquisa qualitativa investiga um fenômeno, tendo como foco as perspectivas, experiências e significados. E enquanto pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição de características de determinado fenômeno, no caso o efeito da pandemia e do isolamento social (Gil, 2002).

O primeiro passo da pesquisa foi à pesquisa bibliográfica, realizada com o intuito de se compreender o contexto da pandemia e sua relação com a educação. Gil (2002, p.44) estabelece que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Como segundo passo, foi realizada a pesquisa documental, adentrando no contexto do município de Curvelo e da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite. A pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 2002, p.45). No caso desta pesquisa, foram analisados decretos municipais e relatórios, regimentos, ofícios e o Projeto Político Pedagógica da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite.

Por fim, foi realizado o estudo de campo, no qual foram utilizadas entrevistas com professoras da referida escola. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas por meio de análise interpretativa de conteúdos, buscando compreender os sentidos e significados presentes nas falas das professoras. As questões tiveram como objetivo compreender a percepção das professoras em relação aos impactos do isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19 na vida escolar, bem como as estratégias utilizadas para incentivar a permanência na escola. Além disso, as entrevistas também abordaram os avanços e dificuldades percebidos com o retorno às aulas presenciais, as estratégias de recuperação da aprendizagem e desafios futuros.

2 A PANDEMIA DA COVID-19 E O IMPACTO NA EDUCAÇÃO

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

A educação é o pilar do pleno desenvolvimento da pessoa humana, e, chega a ser uma utopia dizer que a educação é um direito de todos quando, em um cenário pandêmico, o acesso às aulas online sequer perpassa ao direito a igualdade de acesso de cada indivíduo. A educação de qualidade não deveria ser privilégio de poucos, mas um direito efetivo para todos. Em 2020, enquanto a pandemia assolava o Brasil, crianças e adolescentes de baixa renda, alunos da rede municipal de ensino viram alguns desafios cercearem seu direito à aprendizagem. Eles foram submetidos ao ambiente escolar, no formato de aulas online, sem ao menos sequer possuírem acesso à rede de internet domiciliar ou ferramentas digitais adequadas, e serem alfabetizados digitalmente. Ampliaram-se então, no universo escolar, as desigualdades que resultam nos analfabetos digitais, os desconectados, surgindo os excluídos digitalmente.

Tudo isso refletiu diretamente, de forma negativa, no processo de ensino aprendizagem. Segundo o relatório “Pobreza na Infância e na Adolescência” (UNICEF, 2019), no Brasil 20,3% das crianças e dos adolescentes de 4 a 17 anos tinham seu direito à educação violado. No total, cerca de 2,8 milhões de crianças e adolescentes em idade escolar estavam fora da escola e, de acordo com dados do Censo Escolar 2018, o índice médio de evasão escolar era de 3%.

O lockdown, fator atípico ocorrido em 2020 refere-se a pandemia mundial provocada pelo COVID-19 o qual o ensino passou a assumir a modalidade online, entretanto pelo fato de parte dos alunos não ter acesso a tecnologia a possibilidade de evadir-se cresceu consideravelmente. (IBGE, 2020)

A educação foi deixada em segundo plano por ser necessário priorizar a alimentação, a saúde e a moradia. Os invisíveis sociais, aquelas pessoas pertencentes a classe menos favorecida financeiramente e que se viu desempregada da noite para o dia, buscavam sobreviver com auxílio emergencial, que não contemplava a possibilidade de contratar um pacote de dados móveis para que as crianças realizassem as tarefas remotamente.

O número de alunos evadidos em 2020 aproxima-se de 1,38 milhões, conforme dados da UNICEF(2021), representando um percentual de 3,8%, entre 6 e 17 anos de idade. Decorrente ao período de pandemia, as instituições de ensino tiveram que se remodelar e desenvolver metodologias que viabilizassem o ensino, deste modo, adotou-se o uso de sala de aulas virtuais.

Estávamos diante de um enorme desafio frente ao processo de ensino aprendizagem do atual cenário educacional que tem seu núcleo no alto índice de desigualdade socioeducacional vivido pelos alunos do fundamental I, resultante da pandemia da COVID-19. Tais desigualdades desmotivaram alunos que se evadiram da escola depois de não terem conseguido acompanhar as aulas remotas durante o ano letivo. É importante respaldar que a maior porcentagem dos evadidos são os de renda familiar média ou baixa.

Na tentativa de corrigir as injustiças, evitar um aumento ainda maior da evasão escolar, e, para que os educandos atingissem o protagonismo educacional desenvolvendo um olhar crítico-reflexivo, fez-se necessário garantir aos alunos o efetivo direito à educação e que esta fosse de qualidade, além de soluções criativas e atrativas, estruturadas e sustentadas por uma rede de conexão que visasse reforçar o vínculo entre aluno/professor/aluno, escola/família/escola.

Segundo ANDES-SN, (2020) o “ensino” remoto, bem como o acesso ao ambiente virtual deve ser propiciado por equipamentos adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade e que todos estejam devidamente familiarizados com as tecnologias e, no caso de docentes, também preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais.

Tudo isso é extremamente importante em uma realidade em que há mais de 4,5 milhões de brasileiros sem acesso à internet banda larga e mais de 50% dos domicílios da área rural não possuem acesso à internet. Em uma realidade em que 38% das casas não possuem acesso à internet e 58% não têm computador (ANDES-SN, 2020, p. 14)

A eclosão da pandemia da COVID-19 marcou de forma significativa as desigualdades sociais e na educação não foi diferente. Um contexto lamentável de escolas fechadas, e ensino marcado por alunos sem nenhum acesso à internet, tampouco equipamentos tecnológicos adequados que os conectassem aos conteúdos e atividades disponibilizadas pelos professores em ensino remoto, se apresenta num cenário excludente e desumano. Conforme dado extraídos do Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020 (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020), apenas 3,2% dos alunos mais pobres têm aprendizado adequado em matemática ao final do ensino médio contra 45,7% dos mais ricos; esta diferença se agrava uma vez que nem as escolas da rede pública,

tampouco seus alunos estavam preparados tecnologicamente para lidar com os desafios provenientes da pandemia, enquanto nas escolas privadas, ainda que de modo precário, muitas delas continuaram com as aulas online a partir da primeira semana de pandemia.

[...] sabemos que a simples presença da tecnologia na sala de aula não garante qualidade nem dinamismo à prática pedagógica. No entanto, já que as tecnologias fazem parte do nosso dia a dia trazendo novas formas de pensar, sentir e agir, sua utilização na sala de aula passa a ser um caminho que contribui para a inserção do

cidadão na sociedade, ampliando sua visão de mundo e possibilitando sua ação crítica e transformadora (Leite; Sampaio, 2010, p.10).

Libâneo (2012, p. 13) nos leva a refletir sobre uma dualidade no acesso a educação “escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres”. Para o autor, “a escola que sobrou para os pobres, caracterizada por suas missões assistencial e acolhedora (incluída na expressão educação inclusiva), transforma-se em uma caricatura de inclusão social” (Libâneo, 2012, p. 23).

O isolamento causado pela pandemia do coronavírus afetou todas as classes sociais, mas, este impacto educacional foi ainda mais considerável na vida daqueles que trazem consigo condições preexistentes com raízes profundas de vulnerabilidade social, ou seja, os alunos de baixa renda. Essa distinção social evidenciada pela pandemia interferiu diretamente nos acessos aos conteúdos e na aprendizagem desses alunos, suprimindo lhes direitos como a liberdade do direito de aprender, dentre outros estabelecidos nos princípios da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, (Brasil, 1996).

Princípios Fundamentais da LDB (Art. 3º):

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 - III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
 - IV- respeito à liberdade e apreço à tolerância;
 - V- coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 - VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
 - VII- valorização do profissional da educação escolar;
 - VIII- gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos respectivos Estados e Municípios e do Distrito Federal; (Redação dada pela Lei nº 14.644, de 2023)
 - IX - garantia de padrão de qualidade;
 - X - valorização da experiência extraescolar;
 - XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
 - XII- consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)
 - XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Lei nº 13.632, de 2018)
 - XIV- respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva. (Incluído pela Lei nº 14.191, de 2021).
- (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) (Brasil,1996).

Nesse contexto de desigualdades, deve-se manter um olhar mais atento sobre os diferentes papéis que as políticas públicas deixaram de exercer sobre a educação e que influenciou diretamente na qualidade de vida dos alunos durante a pandemia do coronavírus. Isto nos leva a refletir que sendo a educação um poderoso instrumento para diminuir as desigualdades sociais, nesse momento, ela emerge como um dos pilares que evidencia e reforça essas desigualdades, que para além das sócio educacionais somam-se as digitais, heranças

pandêmicas ainda refletidas no cotidiano das escolas públicas.

Segundo pesquisas realizadas ao final do mês de julho no ano de 2020 pelo Instituto DataSenado sobre a educação na pandemia:

Entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de COVID-19, enquanto 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas online não possuem acesso à internet (Agência Senado, 2020).

No que se diz respeito às leis, as mesmas garantem a responsabilidade da família e do Estado no dever de orientar o educando em sua trajetória educacional e social. Tal orientação tem relação com a evasão escolar, uma vez que, se o aluno é devidamente acompanhado por todos a sua volta, o incentivo ao estudo é reforçado. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (1996) expressa que:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996, p.10).

Fornari (2010) relata que a evasão escolar é um problema social, e que a mesma pode motivar a exclusão do educando ao mesmo tempo em que prejudica seu desenvolvimento pessoal e educacional. Devido ao baixo poder aquisitivo de inúmeras famílias, e dentro desse contexto de pandemia, averigua-se uma queda no desempenho escolar dos alunos, o que fomenta a exclusão dos mesmos, visto que, em sua maioria, os pais:

Não podem manter seus filhos estudando, porque não têm equipamentos ou acesso à internet de alta velocidade e, nesse caso, a educação remota de seus filhos também está ameaçada ou até mesmo inviabilizada (Ortega; Rocha, 2020, p.303).

Segundo Saviani e Galvão (2021, p.42), “no ‘ensino’ remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo”. Além de não poderem contar com a presença dos educadores, os alunos estudaram em casa, tendo os familiares como acompanhantes presenciais do processo sem qualquer preparação. Diante disto Saviani e Galvão (2021) afirmam que os conteúdos aplicados eram inconsistentes, a prática pedagógica “empobrecida” e o aluno excluído de todo processo. Logo, isso reflete em baixos padrões de ensino-aprendizagem.

A reflexão a respeito da necessidade da inserção crítica de todos nós na sociedade tecnológica e da responsabilidade da escola e do professor para que este processo se concretize vem demonstrar a preocupação com um tipo de formação que capacite o professor a enfrentar os novos desafios que a dinâmica desta sociedade traz (Sampaio; Leite, 1999, p. 13).

Estima-se que um terço da metade da população exposta pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, dependendo da magnitude do impacto e o grau de

vulnerabilidade (Medeiros et al., 2020). Durante a quarentena de isolamento social, com a restrição das atividades educacionais e laborais das pessoas, o índice de exclusão social no contexto educacional contemporâneo, elevou-se consideravelmente, gerando um cenário cada vez mais nocivo na educação brasileira devido ao baixo padrão socioeconômico que limitavam e por vezes impediam que os alunos acessassem os conteúdos e as aulas disponíveis em plataformas e mídias digitais.

Frente à realidade em que se apresentou no cenário contemporâneo educacional, de modo a corrigir as necessidades e para que o aprendizado fosse significativo, implicou mudanças ao planejar e avaliar as aulas. Discutir qual o objetivo do uso das tecnologias na educação foram ações necessárias para que as aulas que contemplassem o uso das TICs em sala:

[...] envolve o uso de soluções para a produção de atividades, como, por exemplo, a produção de vídeoaulas que podem ser transmitidas por meio da televisão ou da internet [...] O objetivo principal deste, não é recriar um novo modelo educacional, mas sim, fornecer acesso temporário aos conteúdos educacionais de uma maneira que possa minimizar os impactos causados em decorrência do isolamento social nesse processo (Joye; Moreira; Rocha, 2020, p. 13).

Leal (2020) expõe que diante da nova realidade educacional imposta pela situação pandêmica da COVID-19, as limitações existentes no processo de ensino e aprendizagem tornaram-se mais acentuadas, devido ao momento que deu maior notoriedade aos prejuízos, e destaca como a desigualdade social imprime consequências negativas na aprendizagem de alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Santos (2020) afirma que qualquer pandemia é sempre discriminatória. O período de isolamento não foi fácil para a educação, às realidades se distanciavam a cada click para as aulas online e postagens em grupos de estudo. Considerando a afirmação de Santos (2020), observa-se o quão distante do mínimo necessário para um aprendizado efetivo era a realidade dos nossos alunos.

O aprisionamento social vivido durante a quarentena imposta pela pandemia foi claramente mais difícil, em todos os sentidos, para algumas famílias do que foi para outras. A pandemia da COVID-19 só evidenciou as desigualdades que já existiam entre os alunos das instituições públicas e os da rede privadas, principalmente no que diz respeito ao acesso à educação:

[...] pesquisa do Instituto DataSenado mostra que a diferença entre a educação na rede pública e na rede privada também se revela no acesso dos alunos à internet. Dos lares cujos estudantes estão tendo aulas remotas na rede pública, 26% não possuem internet. Já na rede privada, o percentual cai para 4%. Ainda segundo os resultados, o celular (64%) e o computador (24%) são os equipamentos mais utilizados para acessar os materiais de estudo (Agência Senado, 2020).

Isto posto, ressalto que, foi neste cenário adverso que os nossos educandos atravessaram um turbulento período na busca, sem muito sucesso, de uma aprendizagem significativa que

não se efetivou devido a total falta de comprometimento daquele que tem por obrigação combater as mazelas que permeiam a população de baixo poder aquisitivo, o nosso governo.

Diante deste quadro brasileiro, que abriga realidades tão diversas, torna-se necessário pensar em algumas formas de ampliar e democratizar o desenvolvimento; e um dos fatores mais decisivos para que haja oportunidades de desenvolvimento é a produção de conhecimento próprio e de sua disseminação popular. Isso só é possível mediante a educação, o que a torna relevante em termos políticos e econômicos. (Sampaio; Leite, 2002, p.17).

Compreender como funcionam os recursos tecnológicos e sua importância no cenário atual é o início para que na educação seu uso aconteça de forma eficiente, permitindo que os professores criem recursos educacionais que os possibilitem desenvolver, através destas ferramentas, um processo de ensino e aprendizagem significativo, que desperte interesse e motive nossos alunos a irem além daquilo que lhes são familiares no uso das tecnologias, os jogos virtuais, diversão sem qualquer conteúdo pedagógico.

Sendo assim, a educação contemporânea encontra-se em um processo de transformação impulsionado pelo avanço tecnológico. A necessidade de integrar tecnologia ao ensino tornou-se não apenas um diferencial, mas uma exigência para garantir a qualidade do aprendizado. O uso de metodologias ativas e de recursos digitais no ambiente escolar buscam tornar a aprendizagem mais significativa e alinhada à realidade dos alunos, que já possuem contato frequente com dispositivos eletrônicos e redes digitais.

As crianças, principalmente, dependem do apoio e da mediação de terceiros para efetivarem significativamente suas aprendizagens e para, autonomamente, a partir das diferentes fontes de informação, extrair conhecimentos, analisá-los, processá-los e aplicá-los em suas experiências e práticas cotidianas (Ortega; Rocha, 2020, p.305).

Neste contexto, é essencial promover a alfabetização tecnológica de professores e estudantes para evitar lacunas no processo de ensino-aprendizagem. Como afirmam ~~M~~Morais (2003, p. 81), "a educação se vê vigorosamente interpelada por um mundo que não pode prescindir dos recursos tecnológicos e, ao mesmo tempo, vê-se ameaçada pelos excessos que poderão ser cometidos graças a uma aceitação deslumbrada e acrítica dos referidos recursos". Dessa forma, a formação continuada de professores é um fator fundamental para que a implementação tecnológica ocorra de maneira reflexiva e eficiente.

A pandemia da COVID-19 acentuou ainda mais a necessidade do uso de tecnologias educacionais. A transição abrupta para o ensino remoto evidenciou as desigualdades digitais e a dificuldade de acesso à internet e dispositivos eletrônicos por parte de estudantes da rede pública. Segundo dados do Instituto DataSenado, 26% dos alunos da rede pública não possuíam

internet para acompanhar as aulas remotas, enquanto na rede privada esse percentual era de apenas 4%. Além disso, 63% dos pais de alunos afirmaram que a qualidade do ensino diminuiu nesse período, refletindo a urgência de medidas que garantam equidade no acesso à educação (Agência Senado, 2020).

No pós-pandemia, os desafios educacionais persistem, sobretudo no que diz respeito à defasagem de aprendizado. Como destaca Andes (2022), "o grande número de brasileiros com aulas suspensas e a percepção de queda da qualidade do ensino comprovam que os impactos da pandemia na educação são severos e exigem medidas articuladas entre os sistemas de ensino no país". É necessária uma reestruturação pedagógica que contemple não apenas a recuperação das aprendizagens perdidas, mas também a modernização das práticas docentes.

A implementação de tecnologias educacionais requer planejamento e preparo dos profissionais envolvidos. Kinski (2003, p. 70) observa que, na maioria das escolas brasileiras, "as tecnologias digitais de comunicação e de informação são impostas, como estratégia comercial e política, sem a adequada reestruturação administrativa, sem reflexão e sem a devida preparação do quadro de profissionais". Isso gera resistência por parte dos professores, que muitas vezes não se sentem preparados para utilizar essas ferramentas de forma pedagógica. Para reverter esse quadro, é imprescindível investir em formação continuada e garantir espaços de discussão sobre as melhores estratégias de integração das tecnologias ao ensino. Nesse sentido, Kenski (2003, p.75) diz que o professor precisa:

“[...], ter condições de poder utilizar o ambiente digital no sentido de transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula em interesse e colaboração, por meios dos quais eles aprendem a aprender”.

As metodologias ativas são uma alternativa eficaz para tornar o aprendizado mais dinâmico e envolvente. A abordagem centrada no aluno, que se torna protagonista do seu processo de aprendizagem, permite uma maior autonomia e desenvolve estratégias cognitivas inovadoras. Levy (2005, p. 16), argumenta que: "a utilização desses meios requer um sujeito ativo, que deve escolher até onde e como se deveria ir, determinar qual informação utilizar, estabelecer sua ordem e nível de profundidade, possibilitando a formação de novas estratégias cognitivas e novos estilos de expressão e comunicação". Dessa forma, o uso adequado das tecnologias pode contribuir para um aprendizado mais significativo e alinhado às necessidades contemporâneas.

O letramento tecnológico deve ser visto como um compromisso coletivo, que envolve não apenas a escola, mas também as famílias e a comunidade. Assim, garantir que os estudantes

tenham suporte para utilizar as tecnologias de forma educativa é um desafio que deve ser enfrentado coletivamente.

Diante de todos esses fatores, é evidente que o uso das tecnologias na educação precisa ser tratado com seriedade e planejamento. É essencial que as políticas públicas e institucionais sejam voltadas para a inclusão digital, proporcionando a professores e alunos condições para uma educação inovadora e acessível. A tecnologia, quando bem empregada, pode ser um instrumento poderoso para transformar a educação, tornando-a mais equitativa, dinâmica e eficaz no desenvolvimento integral dos estudantes.

3 A ESCOLA BOAVENTURA PEREIRA LEITE NA PANDEMIA DA COVID-19

O fechamento das escolas, uma medida necessária para conter a propagação do vírus SARS-CoV-2, interrompeu abruptamente as atividades presenciais, exigindo uma reconfiguração emergencial dos sistemas de ensino. Neste cenário, a Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, localizada em Curvelo, Minas Gerais, tornou-se um microcosmo diante de tamanhas dificuldades enfrentadas pelas instituições públicas, mas, se fez gigante nos esforços de adaptação ao ensino durante esse período crítico.

Enquanto as escolas privadas obtiveram, ainda que com formação precária, uma rápida implementação das aulas online, as redes públicas defrontaram-se com a realidade de alunos que sem acesso à internet, equipamentos tecnológicos ou suporte familiar adequados sequer puderam mensurar o abismo educacional que se criou. Na Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, esse desafio foi particularmente sentido pelos estudantes do Ensino Fundamental I, etapa crucial para a consolidação de habilidades fundamentais como leitura fluente, escrita e raciocínio lógico. A pandemia, não apenas interrompeu o movimento regular de aprendizagem, mas também intensificou as disparidades entre os alunos, tornando a equidade educacional um objetivo cada vez mais distante.

Diante desse contexto, a instituição buscou estratégias para garantir que o direito à educação, previsto na Constituição Federal de 1988 e na LDB, não estivesse totalmente comprometido. A implementação do Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP) foi uma iniciativa da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) durante a pandemia de COVID-19 para garantir a continuidade do ensino através de atividades não presenciais, uma resposta imediata, combinando o uso de recursos digitais, como grupos de WhatsApp, com a distribuição de materiais impressos para atender às diversas realidades dos estudantes. Estas ações refletiram o compromisso da escola com sua missão de oferecer uma educação de qualidade a todos, mesmo em um momento de crise. Contudo, relatos de professores gestores apontam que tais medidas, embora com o objetivo de superar limitações específicas, especialmente no que diz respeito ao acesso dos alunos e à qualidade do ensino oferecido à distância, tiveram pouca eficácia.

3.1 O mundo parou, e a Educação se reinventa sobre ruínas

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre um surto de pneumonia de origem desconhecida em Wuhan, China. Em 30 de janeiro de

2020, a OMS declarou o surto como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, em 11 de março de 2020, classificou a disseminação da COVID-19 como uma pandemia global. Para conter a propagação, a OMS recomendou três medidas fundamentais: isolamento e tratamento dos casos confirmados, testagem em larga escala e distanciamento social.

O Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 188/GM/MS, de 4 de fevereiro de 2020, declarou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional devido à infecção pelo novo Coronavírus (COVID-19). Estados e Municípios emitiram decretos e regulamentações para o enfrentamento da crise sanitária, incluindo a suspensão das atividades escolares.

Em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou uma Nota de Esclarecimento para orientar os sistemas de ensino sobre a necessidade de reorganização das atividades acadêmicas como medida preventiva contra a COVID-19. No dia 26 do mesmo mês, o Conselho Estadual de Educação (CEE) de Minas Gerais também emitiu uma Nota de Esclarecimento e Orientações nº 01/2020, detalhando a reorganização das atividades escolares.

O Governo Federal, em 1º de abril de 2020, editou a Medida Provisória nº 934, estabelecendo normas especiais para o ano letivo da educação básica e superior, em virtude da pandemia. Em 28 de abril de 2020, o Parecer CNE/CP nº 05/2020 foi aprovado, permitindo o cálculo de atividades não presenciais na carga horária mínima anual obrigatória. Em 8 de maio de 2020, foi publicada a Resolução CEE nº 474, normatizando a reorganização das atividades escolares no Estado de Minas Gerais. O Parecer CNE/CP nº 11/2020 trouxe diretrizes para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais durante uma pandemia. Em 18 de agosto de 2020, a Lei nº 14.040 foi sancionada, estabelecendo normas educacionais especiais durante o estado de calamidade pública.

No dia 17 de setembro de 2020, o Conselho Estadual de Educação (CEE) emitiu a Nota de Esclarecimento e Orientações nº 03/2020, republicada no dia 18, com protocolos para o retorno das atividades presenciais nas escolas de Minas Gerais. Posteriormente, em 1º de fevereiro de 2021, foi publicada a Resolução CEE nº 479, que regulamentou a continuidade da reorganização escolar devido à pandemia.

Diante desse cenário e das normativas vigentes, o diretor Saulo Leandro Franco apresenta à SRE Curvelo um Relatório Circunstanciado solicitando a autorização do cômputo da carga horária mínima obrigatória, considerando as atividades pedagógicas não presenciais realizadas no ano letivo de 2021.

A Escola Municipal Boaventura Pereira Leite optou por participar de atividades pedagógicas não presenciais, utilizando mídias digitais como grupos de WhatsApp e materiais

impressos com orientações pedagógicas, distribuídos aos alunos e responsáveis entre 3 de fevereiro e 27 de agosto de 2021. O objetivo foi garantir o cumprimento das metas de aprendizagem determinadas pelo currículo escolar, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Referência de Minas Gerais.

A partir da suspensão das aulas presenciais, a escola realizou ajustes em sua Proposta Pedagógica, Regimento Escolar e Calendário Escolar. Para regulamentar o Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP), foi elaborado o Atendimento de Acréscimo Escolar Regimental nº 01/2021, detalhando aspectos como regime especial de teletrabalho, atribuições de servidores, plano de atividades não presenciais, registro de carga horária e estratégias de recuperação de aprendizagem.

O Calendário Escolar foi estruturado para contemplar tantas atividades presenciais quanto remotas, garantindo o cumprimento dos 200 dias letivos exigidos por lei. A Secretaria Municipal de Educação (SME) orientou a adaptação da Proposta Política Pedagógica (PPP) para um formato itinerante, ajustado conforme as necessidades locais, com suporte de plataformas da UNDIME e diagnósticos educacionais.

Para atender à Resolução CEE nº 479/2021, foi elaborada uma Complementação à Proposta Pedagógica, abrangendo o período do REANP em 2021. A escola implementou metodologias próprias para oferta de conteúdo e acompanhamento avaliativo, assegurando a participação efetiva dos alunos.

Os estudantes receberam um Plano de Estudos baseado no Currículo Referência de Minas Gerais e na Proposta Pedagógica da Rede Municipal. O material foi disponibilizado em forma de atividades impressas, organizadas em blocos quinzenais e distribuídos tanto na escola quanto em áreas rurais.

Para agilizar a comunicação, foram criados grupos de WhatsApp, facilitando a interação entre professores e alunos durante as aulas, esclarecendo dúvidas, compartilhando vídeos complementares e incentivando a leitura em família. Os alunos realizavam atividades presenciais a cada 15 dias, permitindo aos professores validar a carga horária diária e acompanhar a evolução do aprendizado.

A Escola Municipal Boaventura Pereira Leite tem como missão garantir uma educação de qualidade a todos os alunos, oferecendo um serviço de excelência à comunidade. Durante a pandemia a instituição busca inovações pedagógicas constantemente, investe na formação continuada dos professores e estabelece parcerias para melhoria do ensino.

O planejamento semestral é realizado com a possibilidade de ajustes quinzenais, incluindo a definição do Componente Curricular, descrição das atividades, Unidade Temática, Habilidades, carga horária, métodos de acompanhamento e avaliação. O conteúdo está alinhado à

BNCC e ao Currículo Referência de Minas Gerais.

As atividades foram desenvolvidas de forma síncrona e assíncrona. Os professores enviaram desafios, vídeos e materiais complementares, além de esclarecerem dúvidas eles conseguiram aumentar a participação dos alunos, considerando a disponibilidade de recursos digitais das famílias.

O registro da participação dos estudantes ocorreu por meio da entrega das atividades e do preenchimento de formulários de acompanhamento pelos professores. Esses registros foram encaminhados à SME via Google Drive, juntamente com a documentação disposta na Resolução CEE nº 479/2021.

A escola desenvolveu metodologias próprias para acompanhamento e avaliação dos alunos durante o regime especial de atividades não presenciais. Professores, especialistas e equipe gestora monitoraram a participação dos estudantes, garantindo seu direito à aprendizagem.

A avaliação foi contínua e processual, utilizando diferentes abordagens pedagógicas, como atividades interativas em grupos de WhatsApp, material impresso e avaliações formais incluídas nos blocos quinzenais. O objetivo foi garantir o cumprimento das metas de aprendizagem, promovendo a aprovação dos alunos e reduzindo os índices de abandono e evasão escolar.

A Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, em resposta ao Ofício nº 10/2021/II, referente à solicitação do Ministério Público sobre o envio da relação de alunos da rede municipal que não participaram de atividades on-line ou não buscaram as atividades pela escola durante o ano de 2020, disponibilizou as informações coletadas e organizadas por ano de ensino. A documentação referente aos alunos que apresentaram abandono escolar, desistência ou faltas injustificadas foi devidamente organizada em um arquivo específico, conforme descrito no Relatório Circunstanciado da instituição.

Importante destacar que todos os registros comprobatórios sobre o compromisso da escola em manter o vínculo com os alunos durante o período de pandemia são acessíveis para consulta, caso necessário, a fim de prestar os devidos esclarecimentos. Esse material evidencia o esforço coletivo da escola em garantir a continuidade do processo educacional, mesmo diante das dificuldades impostas pela pandemia da COVID-19.

Ao longo deste período, a escola adquiriu aprendizados valiosos que contribuíram para a melhoria contínua das práticas pedagógicas. A experiência vivida, com certas dificuldades, serviu para aprimorar o entendimento sobre os desafios do ensino remoto e as novas necessidades do processo educativo. Dessa forma, a instituição agora dispõe de um histórico que possibilita a antecipação de decisões mais assertivas e eficazes, com base em experiências

anteriores que favorecem a remodelação de estratégias de ensino e a reorganização dos métodos de atendimento em tempo real.

A Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Curvelo orientou e modelou toda a documentação relacionada ao processo, unificando os registros para fins comprobatórios. A orientação recebida também determinou que esses registros fossem arquivados por um período de cinco anos após o fim da pandemia, o que demonstra a importância da preservação dos dados e garante a transparência no processo educacional durante este período de crise sanitária global.

Essa medida encontra respaldo nos decretos nº 474 de 2020 e nº 479 de 2021, que, devido à pandemia da COVID-19, possibilitaram a reestruturação das dinâmicas de ensino e aprendizagem. Esses decretos autorizaram novas formas de organização do processo educativo, considerando as necessidades emergenciais impostas pela pandemia. Além disso, a escola se comprometeu a oferecer material treinado para alunos que, por diversos motivos, não puderam participar de grupos de atendimento online. Durante todo o período de adaptação, a instituição buscou garantir a continuidade do aprendizado de maneira inclusiva.

A direção da escola esteve à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais e reforçou que as medidas adotadas seguissem as orientações legais pertinentes ao contexto educacional da época.

3.2 A implementação das atividades pedagógicas não presenciais na Escola Municipal Boaventura Pereira Leite

Em 2020, a pandemia da COVID-19 trouxe desafios imprevistos para o sistema educacional, impactando diretamente a rotina escolar e exigindo adaptação de todos os envolvidos. A partir do momento em que a OMS declarou o surto de coronavírus como uma pandemia em março de 2020, as escolas precisaram interromper as atividades presenciais, o que levou à necessidade urgente de reorganizar o calendário escolar e as metodologias de ensino.

Para garantir que os alunos continuassem a aprender, a Escola Municipal Boaventura Pereira Leite seguiu as orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE) e de outros órgãos educativos estaduais, que permitiam o desenvolvimento de atividades pedagógicas não presenciais, respeitando as medidas de distanciamento social e segurança.

O planejamento das atividades pedagógicas não presenciais foi estruturado por bimestre, com base nos objetivos de aprendizagem previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Currículo Referencial de Minas Gerais (CRMG). Para cada componente curricular, foram definidas atividades específicas, que deveriam ser realizadas de forma síncrona

e assíncrona, de acordo com a disponibilidade de recursos tecnológicos dos alunos e suas famílias.

As atividades propostas foram distribuídas de diferentes formas: via WhatsApp, por meio de vídeos educativos curtos, e por meio de materiais impressos, garantindo que todos os alunos, independentemente do acesso à internet, pudessem continuar sua trajetória de aprendizagem. A confecção de apostilas específicas, baseadas no conteúdo de cada disciplina, também foi uma das estratégias adotadas para suprir as dificuldades de conectividade.

O acompanhamento das atividades dos estudantes foi realizado de maneira constante e sistemática. Professores, especialistas e a equipe gestora atuaram como tutores educacionais, sendo diretamente responsáveis pelo monitoramento das atividades distribuídas, pelo contato com os alunos e suas famílias, e pela verificação do cumprimento das tarefas. Esse processo de monitoramento foi essencial para garantir que as atividades propostas fossem desenvolvidas e para ajustar as metodologias conforme a necessidade de cada aluno.

Além disso, a escola distribuiu canais de comunicação permanentes com os pais e responsáveis, utilizando aplicativos de mensagens instantâneas para sanar claramente as dúvidas, dar orientações sobre as atividades e organizar o acompanhamento diário das rotinas de estudo. A comunicação entre a escola e as famílias foi fundamental para garantir que as crianças, especialmente nos anos iniciais, tivessem acompanhamento de supervisão durante o processo de aprendizagem.

Diversas ferramentas educacionais foram utilizadas para auxiliar no processo de ensino/aprendizagem. A escola empregou vídeos educativos, como os disponíveis no YouTube, que abordavam desde conteúdos básicos de alfabetização até temas de ciências e matemática. Exemplos como "Vamos Rimar", "Cabeça, Ombro, Joelho e Pé" e "Alfabetização Infantil" foram fundamentais para engajar os alunos, especialmente nas atividades relacionadas ao ensino de leitura e escrita, utilizando uma abordagem lúdica e interativa.

Ademais, a produção de vídeos personalizados pelos professores, que explicavam o conteúdo das aulas, foi uma estratégia importante para aproximar os alunos dos conteúdos, oferecendo mais autonomia para o aprendizado, mesmo fora da sala de aula. As atividades práticas, como leitura, pintura, recorte, dobradura e outras atividades artísticas, também foram adaptadas para a realidade do ensino remoto, com orientações claras para que os pais pudessem acompanhar e orientar seus filhos.

A avaliação dos alunos durante esse período foi feita de forma contínua e processual. Para garantir a regularidade da aprendizagem, foram realizadas atividades interativas, via grupos de WhatsApp, e outras atividades não presenciais de forma impressas. A escola também

disponibilizou avaliações formais por meio do site da Prefeitura Municipal de Curvelo e por meio de plantões presenciais nas terças-feiras, garantindo que os alunos pudessem realizar as avaliações de maneira segura e conforme a necessidade.

Nos casos de alunos que não conseguiram realizar as atividades conforme o cronograma ou não apresentaram um desempenho superior, a escola ofereceu a possibilidade de Estudos de Recuperação. Esses estudos foram organizados de maneira não presencial, com atividades disponibilizadas de acordo com um cronograma específico, permitindo que todos os alunos tivessem a chance de recuperar o conteúdo perdido e alcançar os objetivos de aprendizagem estabelecidos.

O período de atividades pedagógicas não presenciais representou um desafio, mas também uma oportunidade para inovar nas metodologias de ensino e para estreitar a relação entre a escola e as famílias. A Escola Municipal Boaventura Pereira Leite atualizou medidas que permitissem a continuidade da aprendizagem, levando em consideração as especificidades de cada aluno e utilizando recursos tecnológicos e materiais impressos para atender às necessidades de todos. A colaboração constante entre professores, alunos, pais e gestores foi crucial para o sucesso desse modelo de ensino adaptado à realidade da pandemia.

O compromisso com a qualidade do ensino e a garantia do direito à educação foram as principais diretrizes que orientaram as ações da escola, que, mesmo diante das dificuldades, conseguiu manter um ambiente de aprendizagem contínuo e acessível para seus alunos.

O Regimento Especial de Atividades Não Presenciais teve como objetivo regulamentar o funcionamento da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite durante o período de calamidade pública, com a implementação do Regime Especial de Teletrabalho. Este regimento visou garantir a continuidade das atividades educacionais, adaptando-se ao contexto da pandemia, respeitando as medidas sanitárias e garantindo o acesso dos alunos às atividades pedagógicas, independentemente de sua situação de conectividade.

Com a adoção deste modelo de trabalho remoto, a escola se comprometeu a manter o atendimento educacional de forma eficaz, utilizando plataformas digitais para comunicação, entrega de materiais e acompanhamento das atividades. No entanto, também foram previstas soluções presenciais para os alunos que não tinham acesso a recursos digitais, com plantões semanais e medidas de segurança sanitária, garantindo a inclusão e a continuidade da aprendizagem.

Além disso, o regimento especificou as responsabilidades de cada servidor e as normas para a execução das atividades, tanto de forma remota quanto presencial, promovendo o cumprimento das orientações da Secretaria Municipal de Educação e dos órgãos de saúde

municipal. O regimento também orientou sobre as substituições necessárias, a convocação de servidores para atividades presenciais e os protocolos de comunicação com a comunidade escolar, visando a organização eficiente do trabalho durante este período excepcional.

TÍTULO II DO REGIME ESPECIAL DE TELETRABALHO

Arte. 3º - Considerar-se teletrabalho a atividade laboral realizada, total ou parcialmente, em local diverso do previamente previsto para o trabalho presencial, utilizando tecnologias de comunicação e informação que possibilitem a execução remota das atribuições correspondentes à carga, emprego ou função.

Art. 4º - Durante o período de calamidade pública, a Escola Municipal Boaventura Pereira Leite permanecerá parcialmente fechada. A escola realizará atendimentos presenciais de forma escalonada, em plantões semanais às terças-feiras, com a adoção de rigorosas medidas sanitárias para a entrega dos Planos de Atividades Não Presenciais impressos, para alunos que não possuíssem acesso digital, conforme orientações do Comitê Extraordinário COVID-19. O conteúdo das atividades também estará disponível no site da Prefeitura Municipal de Curvelo.

Os servidores em exercício na escola, como Diretor, Vice-Diretor, Especialista de Educação Básica, Professores, Professores com Autorização para Secretariar, Professores Auxiliares de Secretária e Auxiliares de Serviços Gerais, irão preferencialmente no Regime Especial de Teletrabalho, conforme as orientações da Secretaria Municipal de Educação.

Parágrafo Único - A carga de Auxiliar de Serviços Gerais, devido à natureza de suas atribuições, terá atividades presenciais, realizadas de forma escalonada e com carga horária reduzida, conforme a determinação da Secretaria Municipal de Educação e em conformidade com as orientações da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE-MG), além de obedecer às normativas do Setor de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Curvelo.

Arte. 5º - Caso seja necessário substituir servidores para a execução de serviços no Regime Especial de Teletrabalho, a substituição deverá ser feita pelo Gestor Escolar, com autorização da Secretaria Municipal de Educação e em conformidade com as Deliberações do Comitê Extraordinário COVID-19 e dos órgãos de saúde municipal.

Arte. 6º - A convocação de servidores para atividades presenciais será precedida de uma análise da necessidade de demanda, a qual deverá ser realizada pelo Gestor Escolar e comunicada à Secretaria Municipal de Educação via e-mail oficial. A convocação só poderá ocorrer após solicitação da Secretaria.

Arte. 7º - Os atendimentos ao público deverão ser feitos preferencialmente de formato eletrônico, por meio de endereços eletrônicos previamente divulgados. Assim, a escola continuará às comunicações impressas oficiais, aulas virtuais, vídeos educativos, audiovisuais de conteúdos elaborados pelos docentes ou adquiridos através de pesquisa na internet, e outros recursos educacionais como grupos colaborativos (Banco de Ideias) entre os docentes. A escola também promoverá atendimentos remotos, reuniões online, grupos de pais e atividades disponibilizadas semanalmente no site da Prefeitura Municipal de Curvelo, com o objetivo de garantir o acompanhamento contínuo das atividades pelos alunos.

Além disso, a escola realizará plantões presenciais, respeitando todas as medidas sanitárias, para os alunos que não tenham acesso à internet ou às atividades online. Esses plantões ocorrerão às terças-feiras, no horário das 07h00 às 11h00, para entrega de materiais e esclarecimentos.

Arte. 8º - O servidor em Regime Especial de Teletrabalho deverá:

- Cumprir as atividades definidas pela chefia imediata, sendo vedada a execução das tarefas por terceiros.-
- Consultar regularmente os Grupos de WhatsApp para acompanhamento das orientações e troca de informações entre professores, direção e outros funcionários, conforme periodicidade definida pela chefia imediata.
- Atender prontamente, durante o horário de trabalho, todas as interferências da chefia imediata, para esclarecimento sobre atividades envolvidas e cumprimento das demandas condicionais.
- Preencher o Anexo III (Acompanhamento de Atividades Não Presenciais pelo Professor) mensalmente, conforme periodicidade e forma estabelecida pela Secretaria Municipal de Educação. V - Observar as normas de sigilo e confidencialidade das informações (EMBPL, 2020).

3.3 Fundamentação legal

No contexto da pandemia da COVID-19, o processo de ensino-aprendizagem sofreu mudanças significativas, sobretudo na educação pública municipal, afetando principalmente alunos do Ensino Fundamental I. A fim de organizar e regulamentar as ações educacionais durante o período de emergência sanitária, diversas legislações foram criadas em âmbitos nacional, estadual e municipal. Essas normativas, embora fundamentais, também evidenciaram as desigualdades estruturais presentes nas redes públicas de ensino.

A Resolução nº 474, do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, dispôs sobre a reorganização das atividades escolares no Sistema Estadual de Ensino em virtude da pandemia. O documento autorizou a realização de atividades pedagógicas não presenciais, mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação, e possibilitou a reorganização dos calendários escolares, incluindo ampliação da carga horária diária e utilização do contraturno.

Apesar das intenções de assegurar a continuidade do ensino, a Resolução trouxe desafios práticos para as redes municipais. Muitas escolas da educação pública não dispunham das ferramentas tecnológicas adequadas, tampouco seus alunos tinham acesso equitativo a dispositivos e internet de qualidade. Com isso, alunos do 5º ano, em fase crucial do desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e raciocínio lógico, foram profundamente impactados pela limitação do acesso às atividades não presenciais. O documento também alertava sobre a necessidade de ações reparatórias futuras, demonstrando preocupação com a ampliação das desigualdades.

No âmbito municipal, o Decreto nº 4.039, alterado pelo Decreto nº 4.041, declarou situação de emergência em saúde pública e determinou a suspensão das aulas nas escolas municipais públicas e particulares por tempo indeterminado. Essa interrupção abrupta das atividades presenciais afetou profundamente o ambiente escolar, principalmente para alunos que dependiam da escola não apenas para o aprendizado formal, mas também para o suporte

social, alimentação e acompanhamento pedagógico individualizado.

O decreto ainda instituiu o Comitê Gestor de Prevenção e Contingenciamento em Saúde, demonstrando a preocupação municipal com a gestão da pandemia, mas sem apresentar soluções imediatas para a continuidade do processo educacional inclusivo e acessível a todos.

O Decreto Estadual nº 47.886 oficializou a adoção de medidas emergenciais para contenção da pandemia em todo o Estado de Minas Gerais, incluindo a suspensão das atividades presenciais nas escolas. Essa medida reforçou a necessidade de adaptação dos sistemas educacionais a novas realidades de ensino remoto. Entretanto, as redes municipais de ensino, em sua grande maioria, não estavam preparadas para essa transição, agravando o cenário de desigualdade educacional. O impacto foi ainda mais severo para os estudantes das classes mais vulneráveis, que não tinham acesso à internet, equipamentos ou ambientes adequados para o estudo domiciliar.

Portanto, os marcos legais que regulamentaram o ensino durante o período pandêmico, embora imprescindíveis diante da emergência sanitária, acabaram por acentuar as desigualdades pré-existentes no ensino público municipal. As escolas e gestores educacionais enfrentaram grandes desafios na tentativa de garantir o direito à educação, do Ensino Fundamental I vivenciaram lacunas significativas no seu processo de aprendizagem, que precisarão ser compensadas nos anos subsequentes.

3.4 A realidade da Educação na pandemia: um olhar sobre a Escola Municipal Boaventura Pereira Leite

A Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, localizada em Curvelo, Minas Gerais, é um exemplo de como as instituições públicas enfrentaram esse período de crise, buscando adaptar-se às exigências do isolamento social e do ensino remoto, conforme retratado nas imagens 1 e 2. A sala de aula, com cadeiras e mesas espaçadas e marcações no chão para distanciamento, reflete as medidas de segurança sanitária implementadas, enquanto o ambiente vazio simboliza a suspensão das atividades presenciais e a transição para o ensino não presencial (figuras 1 e 2).

Figura 1 - Organização da sala de aula na pandemia de COVID-19



Fonte: Arquivo da autora

Figura 2: Organização da sala de aula na pandemia de COVID-19



Fonte: Arquivo da autora

Durante a pandemia, a Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, como muitas outras instituições públicas, precisou se reinventar para garantir a continuidade do processo educacional. As imagens mostram um ambiente que, embora preparado para receber alunos, permaneceu majoritariamente vazio devido às restrições impostas pelo distanciamento social. A suspensão das aulas presenciais, regulamentada por decretos como o Municipal nº 4.039 de Curvelo e o Estadual nº 47.886 de Minas Gerais, exigiu a adoção de atividades pedagógicas não presenciais, conforme orientado pela Resolução CEE/MG nº 474 de 2020. No entanto, essa transição revelou as profundas desigualdades no acesso à educação, especialmente para os alunos de baixa renda, que enfrentaram barreiras significativas, como a falta de acesso à internet e a equipamentos tecnológicos adequados.

A escola, cuja missão é "garantir uma educação de qualidade a todos os alunos",

conforme destacado em sua fachada, implementou o Regime Especial de Atividade Não Presenciais (REANP), utilizando estratégias como a distribuição de materiais impressos e a criação de grupos de WhatsApp para comunicação com os alunos e suas famílias. Essa abordagem buscava atender à diversidade de realidades dos estudantes, muitos dos quais não tinham acesso a recursos digitais, como apontado pelo Instituto DataSenado (Agência Senado, 2020), que revelou que 26% dos alunos da rede pública com aulas online não possuíam acesso à internet. A sala de aula, decorada com cartazes educativos e mensagens motivacionais como "Aqui aprendemos com doçura!", evidencia o esforço da escola em manter um ambiente acolhedor, mesmo que à distância.

No entanto, o ensino remoto trouxe desafios significativos que impactaram diretamente na qualidade da educação. Alunos de famílias vulneráveis, que muitas vezes não contavam com o suporte adequado em casa, enfrentaram dificuldades para acompanhar as atividades, o que contribuiu para o aumento da evasão escolar e da exclusão educacional. A LDB garante o direito à igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, mas, na prática, a pandemia escancarou a dualidade descrita entre pobres e ricos por Libâneo (2012).

A Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, ciente dessas desigualdades, buscou mitigar os impactos por meio de estratégias como a entrega quinzenal de atividades impressas e a realização de plantões presenciais às terças-feiras, respeitando protocolos sanitários. Esses plantões, realizados em um ambiente com marcações de distanciamento, como visto na imagem da sala de aula na página 29, permitiam que os alunos sem acesso digital recebessem materiais e orientações. Além disso, a escola ajustou sua Proposta Pedagógica e Calendário Escolar para cumprir os 200 dias letivos exigidos, utilizando metodologias de síncronas e assíncronas, como vídeos educativos e atividades práticas adaptadas para o contexto doméstico.

Apesar dos esforços, a pandemia reforçou as desigualdades digitais e educacionais, heranças que ainda se refletem no cotidiano das escolas públicas. A educação, que deveria ser um instrumento para reduzir desigualdades, emergiu como um dos pilares que as evidenciou, destacando a necessidade de políticas públicas mais eficazes para garantir o direito à aprendizagem a todos, conforme preconizado pela LDB.

A experiência da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite durante esse período, embora marcada por dificuldades, também trouxe aprendizados valiosos. A instituição adquiriu um histórico que permitiu decisões mais assertivas para o futuro, remodelando estratégias de ensino e reorganizando métodos de atendimento.

4 ALQUIMIA PEDAGÓGICA: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DAS PROFESSORAS DURANTE A COVID-19

A Alquimia foi uma prática realizada pelos alquimistas da idade média que buscavam a transmutação de metais básicos em ouro e descobrir o elixir da vida (Dicio, 2009). A partir desse entendimento, o termo Alquimia Pedagógica é compreendido aqui como um conceito ainda em desenvolvimento, que por sua vez utiliza dos princípios e da prática da alquimia para explorar, incentivar e transformar o processo de ensino e aprendizagem em uma prática inovadora e rica em significados para os alunos.

Como sugere Costa (2002, p. 16), “não importa o método que utilizemos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma ou outra maneira de conceber relações entre poder e saber”. A alquimia pedagógica se traduziu numa educação que estimulou envolvendo docentes e discentes em novas experiências, e, estas os proporcionaram conhecimentos, o pensar e encontrar soluções inovadoras para as problemáticas que se apresentam no cotidiano aprofundando o significado do processo de ensino e aprendizagem.

Após analisar como o processo de ensino e aprendizagem se desenvolveu durante pandemia da COVID-19 e baseado numa abordagem que transforma, a alquimia pedagógica foi pensada na prática pedagógica daquele professor (a) inovador (a) que mesclou suas práticas educacionais tradicionais, metodologias ativas e muita criatividade com as novas tecnologias inspirando e construindo um fazer educacional criativo e transformador.

As reflexões que se seguem se deram a partir das percepções e experiências das professoras Ensino Fundamental I durante a COVID-19, considerando o isolamento social, as aulas remotas e o retorno presencial. Quatro professoras se dispuseram a participar da entrevista, que aqui serão nomeadas de Aline, Glaucienne, Ângela e Elizângela para que suas identidades sejam preservadas. Essas professoras expuseram suas experiências e expectativas por meio das seguintes questões:

- 1- Na sua percepção enquanto professor da Educação Básica, quais fatores impactaram a vida escolar dos alunos durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19?
- 2- Há uma mensuração sobre o percentual de evasão escolar durante a pandemia?
- 3- Qual a estratégia utilizada por você ou pela escola para manter e incentivar os (as) alunos (as) a permanecerem na escola nesse período?
- 4- Após o encerramento do isolamento social e retorno às aulas presenciais, quais

avanços e/ou dificuldades você pôde perceber nos alunos?

5- Quais estratégias de recuperação da aprendizagem foram utilizadas por você, pela escola ou pela Rede Municipal de Educação? Você acredita que os estudantes conseguiram se beneficiar destas ações estratégicas desenvolvidas?

6- Hoje, dois anos após o fim da pandemia, quais os principais desafios relacionados ao processo de aprendizagem na educação básica?

Assim, as demandas advindas da pandemia que determinaram mudanças em termos de legislações educacionais, currículos e propostas pedagógicas ganham aqui os contornos do olhar das professoras.

4.1 Impactos do isolamento social na vida escolar dos estudantes: a tecnologia em evidência

Vários foram os impactos decorrentes do fechamento das escolas durante o isolamento social na pandemia da COVID-19: a interrupção da aprendizagem, a má nutrição dos estudantes, estresse dos professores, despreparo dos pais para lidar com a educação à distância, adaptação das escolas para o ensino remoto, lacunas no cuidado com as crianças, altos custos econômicos, aumento da taxa de abandono escolar, maior exposição à violência e à exploração, falta de contato social e os desafios para mensurar e validar a aprendizagem (Santos, 2022).

Grossi, Minoda e Fonseca (2020) salientam que as dificuldades apresentadas pelas crianças em acompanhar as aulas remotas estão relacionadas a vários fatores, inclusive à questão do ambiente doméstico. Nem sempre as crianças encontravam em casa um ambiente para participar das aulas que fosse silencioso, tranquilo, bem iluminado e sem circulação de pessoas. Além disso, a tranquilidade inicial com a suspensão das aulas, foi sendo substituída pela saudade da escola e de estar junto de seus colegas, e pela falta da presença física dos seus professores.

A professora entrevistada Aline, quando questionada sobre os impactos do isolamento social, evidencia que os desafios foram diversos e destaca aqueles que ela compreende que impactaram mais significativamente a vida escolar dos alunos:

Desigualdade digital: a falta de acesso a equipamentos e internet prejudicou o acompanhamento das aulas online por muitos alunos. Dificuldade em manter a rotina: a ausência da rotina escolar presencial e a falta de interação social com colegas e professores afetaram o engajamento e a motivação dos estudantes. Dificuldade em aprender sozinhos: muitos alunos necessitam de um ambiente estruturado e da orientação de um professor para aprender de forma eficaz. Dificuldades familiares: a pandemia também impactou as famílias, gerando dificuldades financeiras e emocionais, o que, por sua vez, afetou o desempenho escolar dos alunos. Em resumo, a pandemia evidenciou as desigualdades sociais e as fragilidades do sistema

educacional, exigindo uma urgente reavaliação das práticas pedagógicas e a busca por soluções para garantir o direito à educação de qualidade para todos os alunos. (Professora Aline, 2024)

As demais professoras destacaram, sobretudo, a questão da falta de acesso a recursos tecnológicos associados à dificuldade dos pais em auxiliar os filhos, muitas vezes, por não serem escolarizados suficientemente.

Durante o isolamento provocado pela COVID-19, o que mais veio impactar a vida do educando foi o não acesso. O que vem a ser esse não acesso? É o fato de que nem todos os nossos alunos tiveram contato com as ferramentas tecnológicas, ou melhor, não puderam usufruir das tecnologias para continuarem estudando. Outro fator ligado ao não acesso está relacionados a falta de conhecimento dos pais/famílias para estar auxiliando os alunos nas atividades que lhes foram apresentadas nesse período de pandemia. O fato de estarem desprovidos das ferramentas tecnológicas e de acesso a uma internet de qualidade fez com que nem todos os alunos pudessem assistir às aulas, nem mesmo receber instruções dos professores através das vídeo aulas gravadas, ou mesmo ouvir os áudios enviados nos grupos de whatsapp. Acesso à internet e aos dispositivos móveis em tempo integral ou não foi o fator que mais impactou a vida escolar dos nossos alunos, pois, às vezes o celular disponível na família só chegava em casa com os pais a noite (Professora Glaucienne, 2024).

O maior impacto nos foi causado pelos aparatos tecnológicos, ou melhor, pela falta deles. Elaborávamos as aulas, mas, não podíamos garantir que nossos alunos iriam acessá-las, que o aprendizado aconteceria afinal a maioria deles vivem uma realidade diferente, alguns não possuíam celular em casa e nem condições para adquirir, outros tinha o aparelho, mas não wi-fi, e os dados móveis nunca eram suficientes. Ainda hoje temos que lidar com a defasagem trazida pelo não acesso as tecnologias, porta de entrada da educação durante o isolamento social (Professora Ângela, 2024).

(...) Estamos falando de um aparelho para toda a família, tendo às vezes que atender três ou quatro filhos em idade escolar, então, eu acredito que o pódio aí vai para a falta de acesso às tecnologias, E coladinho ao pódio vem a questão do nível de escolaridade das famílias considerando que a escola que eu atuava era uma escola de periferia onde muitos pais tinham o nível de escolaridade baixo, havendo um déficit na orientação dessas crianças. A pandemia trouxe à tona a desvalorização à educação (Professora Elizângela, 2024).

As falas das professoras dão destaque a um contexto cheio de dificuldades e incertezas. Esse contexto se aproxima do que aconteceu em todo o Brasil, sobretudo, nas escolas públicas de periferia. Segundo Santos (2022), esse cenário das escolas fechadas se somou ao cenário instaurado pela pandemia nos ambientes domésticos, e ainda, aos desafios de implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE). No caso dos professores, os problemas envolveram a falta de recursos, necessidade de superação de limitações de formação para o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) e a efetivação de práticas de ensino-aprendizagem não presenciais. Já os alunos, enfrentaram a realidade de que nem todos estavam em condições materiais, sociais e psicológicas de se adequarem ao ensino remoto.

4.2 Relação entre pandemia e evasão escolar

Ao longo de 2020, no Brasil, houve um aumento de 290,8% na taxa de evasão na faixa etária de 5 a 9 anos de idade, aproximando-se da taxa de evasão de anos atrás. As barreiras impostas à aprendizagem pelo contexto da pandemia somaram-se às questões das famílias, como o aumento do desemprego e a redução nos rendimentos. Certamente, essa realidade exigiu das escolas e Secretarias de Educação, medidas urgentes e eficazes para diminuição da evasão escolar (Neri; Osório, 2021). Entre os impactos da pandemia e os esforços para mitigar seus efeitos, as docentes da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite que foram sondadas tiveram percepções diferenciadas com relação à evasão escolar. As percepções variam entre a compreensão de que não houve evasão; de que não houve evasão, mas houve perda do tempo escolar; e de que houve evasão.

Segundo a Professora Aline, durante os dois anos de pandemia com aulas remotas, ela pode observar que em sua sala não houve um percentual de evasão escolar durante esse período.

Salvo engano, apenas uns três alunos deixaram de entregar as atividades pedagógicas propostas. Diante todo o cenário pandêmico e as dificuldades enfrentadas pelas famílias, é um percentual considerado baixo, na minha visão. Importante ressaltar que mesmo aqueles alunos que não tinham acesso à internet em casa, eles foram assistidos por meio de atividades impressas que a família tinha o compromisso de buscar e entregar na escola na data combinada (Professora Aline, 2024).

Já a professora Glaucienne compreende que não houve evasão, pois as crianças não abandonaram a escola, mas houve diminuição do tempo escolar. Segundo ela:

O fato de os pais não serem habilitados ou não possuírem instrução e conhecimento suficiente no que diz respeito a alfabetização das crianças fez com que os alunos não tivessem o mínimo de acesso aos conteúdos escolares. Materiais eram ofertados pelas escolas, municípios e pelo estado, contudo, as famílias e seus conhecimentos restritos não foram suficientes para auxiliar os alunos em suas tarefas (Professora Glaucienne, 2024).

Para a professora Elizângela, o nível de evasão escolar foi baixo, possivelmente devido à verba da Bolsa Escola (programa de auxílio financeiro) e de propostas do município como cestas básicas destinadas às famílias em situação de vulnerabilidade. A professora acredita que o baixo percentual de evasão escolar foi sustentado por esses incentivos ofertados as famílias mais necessitadas.

Por outro lado, a professora Ângela, afirma que não houve mensuração da evasão escolar no período da pandemia, mas que o abandono da escola foi perceptível. Segundo a professora, a escola cumpre um papel social fundamental na vida dos alunos, e este afastamento durante o isolamento fragilizou os vínculos entre escola/aluno/professor.

Por mais que tentasse trazer aulas atrativas e dinâmicas, dentro do que me era possível naquele momento, esse carinho não chegava a todos como gostaria e não me restava muitas opções para potencializar esses vínculos sociais, pois, nem todos os alunos tinham em suas mãos as tecnologias necessárias para assistir as aulas remotas. Famílias se refugiaram na zona rural e os vínculos foram rompidos e com isso alguns alunos não retornaram para as salas de aulas (Professora Ângela, 2024).

Por mais que exponham percepções divergentes sobre a evasão escolar, as respostas das professoras se encontram ao abordar as questões que perpassaram a relação entre a pandemia, o ensino remoto e a evasão escolar, não só no município de Curvelo, mas em todo o país. Assim, os discursos das professoras evidenciam os esforços realizados pelas instituições, sobretudo, por elas para a diminuição da evasão escolar. Dão luz também à questão da perda da qualidade do ensino e do tempo escolar nesse período. E sugerem a evasão como consequência da perda dos laços com a escola e das estratégias de sobrevivência adotadas pelas famílias.

4.3 Estratégias para a permanência dos alunos na escola durante a pandemia

Diante de uma realidade em que o processo de ensino-aprendizagem era ameaçado de diversas formas, a escola foi chamada a se atualizar, reorganizando-se para atender às demandas da pandemia, do isolamento social e do ensino remoto emergencial. Dessa forma, as instituições de ensino tiveram que incorporar novos paradigmas que envolviam tempo, paciência e diálogo. A partir disso, as escolas poderiam criar um contexto que facilitasse a integração de novos conhecimentos e perspectivas que estimulassem o aprendizado (Galvão; Casimiro, 2023).

Uma nova postura da escola exigia novas posturas docentes. Mais do que transmissores de conteúdo, os professores e professoras atuavam como agentes de transformação. De acordo com Galvão e Casimiro (2023, p. 136), “isso inclui buscar novas metodologias de ensino, conhecer as práticas educativas mais eficazes e manter-se informado sobre os desafios e demandas do mundo contemporâneo”. No contexto da pandemia, a implementação do ensino remoto exigiu que os educadores adaptassem suas práticas para o novo contexto mediado pelas tecnologias digitais.

No âmbito da Escola Municipal Boaventura Pereira Leite, segundo a professora Aline, “a pandemia da COVID-19 trouxe desafios inéditos para a educação, exigindo que escolas e professores buscassem novas formas de manter os alunos engajados e motivados” (Professora Aline, 2024). A professora ressalta as estratégias que envolviam o uso de ferramentas digitais, as atividades impressas e o contato com as famílias.

As estratégias utilizadas para minimizar os impactos da pandemia na vida escolar dos

alunos em nossa escola foram, uso de ferramentas digitais e recursos online como criação de Grupos de *Whatsapp* para facilitar o ensino a distância. Dentro dos grupos, eram disponibilizados recursos interativos como jogos educativos, simulações e outros recursos digitais para tornar o aprendizado mais dinâmico e interessante. Além de disponibilizar blocos de atividades quinzenais impressas. Onde a família tinha o compromisso de buscar e fazer a devolutiva na data combinada. Importante ressaltar que a comunicação se fez presente e constante entre professor e família diariamente, por meio de mensagens instantâneas e videoconferências para tirar dúvidas, fornecer feedback e acompanhar o progresso do aluno (Professora Aline, 2024).

As professoras Glaucienne e Ângela ressaltam, além dos grupos de *Whatsapp*, a elaboração de videoaulas e vídeos que incentivassem a participação dos alunos, demonstrando a demanda de interação com as tecnologias digitais que se apresentava para as professoras naquele período.

A estratégia utilizada pela instituição educacional na qual eu estava inserida foi criar grupos de whatsapp adicionar os pais e os responsáveis que possuíam dispositivos compatíveis criando um canal de acesso pelo qual nós professores mantínhamos contatos com os alunos e suas famílias. Acredito que usamos todas as estratégias possíveis no momento para incentivar e auxiliá-los, elaboramos videoaulas, vídeos educativos, enfim tudo que estava ao nosso alcance creio que tenha sido feito para incentivar, e promover aos alunos, ainda que virtualmente, o mínimo de contato com a escola, como conhecimento, com o aprendizado e com a instrução (Professora Glaucienne, 2024).

Esse período da pandemia da COVID-19 tivemos que reinventar uma nova educação, possamos a trabalhar com o ensino remoto e através desse ensino remoto nós ofertamos diversos tipos de atividades. Oferecemos o que seria mais atrativo para os alunos como vídeos para incentivar a participação dos alunos e manter um vínculo com esses alunos (Professora Ângela, 2024).

Já a professora Elizângela, que na época atuava com uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental I, lidando com crianças que estavam no “no auge da alfabetização” e que estavam sendo “obrigadas a ficar fora da escola”, trouxe a afetividade como fator central de seu fazer pedagógico:

Eu assisti a vários vídeos para ter uma inspiração de como conquistar esses meninos mesmo distantes, eu queria tanto levar um pouco de acalento, de alegria, de afeto até a casa deles, então, fiz o que pude. Criei personagens, eu sorteava brindes eu ia até a casa dessas crianças, não entrava por segurança, eu usava máscara ia até a calçada para que eles sentissem que tudo aquilo ia passar e que a professora deles estava ali não era só a tela de um telefone. A estratégia que eu utilizei foi ser o mais presente possível na vida deles e mostrar o quanto eu me importava com eles (Professora Elizângela, 2024).

Nesse sentido, o contexto gerado pela pandemia colocou em evidência a reflexão do que é ser professor e quais a postura necessária e possível para que as atividades educativas, que passaram a estar atreladas ao uso de tecnologias digitais, tivessem continuidade. Para Estevão e Costa (2022, p.19), educadores e educadoras haviam sido convocados a “exercer a práxis, ação-reflexão-ação, na emergência do ensino que se estabeleceu e na necessidade de exercê-lo com intencionalidade”. A reinvenção docente, como demonstram as professoras entrevistadas,

passou pela adequação às tecnologias digitais, a adoção de metodologias de aprendizagem ativa e pela reflexão do próprio papel na educação.

4.4 Percepções docentes sobre o retorno dos alunos às aulas presenciais

A professora Aline destaca que entre as mudanças significativas para o sistema educacional que impactaram a vida dos alunos, é possível perceber avanços e dificuldades. Ela cita, como avanços, o desenvolvimento da autonomia e responsabilidade nos alunos e a maior familiaridade com a tecnologia, apesar de reconhecer que nem todos os alunos tiveram acesso igualmente a equipamentos e internet de qualidade.

Autonomia e responsabilidade: Com o ensino remoto, muitos alunos precisaram desenvolver maior autonomia para organizar seus estudos e cumprir prazos. Isso contribuiu para o desenvolvimento de habilidades como disciplina e gestão do tempo (Professora Aline, 2024).

Maior familiaridade com a tecnologia: O ensino remoto impulsionou o uso de ferramentas digitais, isso proporcionou aos alunos um contato mais próximo com a tecnologia, desenvolvendo habilidades digitais importantes para o futuro (Professora Aline, 2024).

Entretanto, as demais professoras deram ênfase às dificuldades percebidas nos alunos ao retornar ao ensino presencial. A professora Glaucienne cita o uso das tecnologias para ressaltar os prejuízos notados nas crianças depois da exposição ao aparelho de celular por muitas horas diárias.

As crianças que tiveram acesso ao mundo digital, à internet e suas ferramentas e enraizaram em si esses longos momentos de frente com as telas fazendo uso, as vezes aleatórios, das tecnologias principalmente os alunos maiores, os adolescentes. Hoje tudo está na mão, ou seja, nas telas, qualquer que seja o questionamento que você tenha, usando um tablete ou celular para a pesquisa a internet te oferece à resposta. Diante disto, torna perceptível que os alunos estão mentalmente preguiçosos, eles têm preguiça de pensar, de raciocinar e de criar. Ficar horas acessando as tecnologias, a internet criou uma barreira e uma dependência, é tudo muito a mão, muito fácil, um processo muito rápido para obter respostas. O processo de pensar para criar ficou estagnado, o cérebro não está sendo estimulado, alguns estudantes hoje preferem optar pela facilidade do Ctrl+c e Ctrl+v devido a essa preguiça mental que certamente irá refletir no futuro e na vida adulta deste educando (Professora Glaucienne, 2024).

A associação feita pela professora Glaucienne entre aprendizagem e o excesso de uso de tela é reforçada no estudo de Sousa e Carvalho (2023). Esse estudo concluiu que crianças que utilizaram corretamente as telas apresentaram maior probabilidade de ter uma capacidade de memória de trabalho eficaz, em relação as que não fizeram o uso adequado. Porém, altas doses de tela tiveram relação com maiores prejuízos na memória de trabalho e fonológica comparando com não usuários. Também foi observado que em decorrência das aulas remotas, 36,9% das crianças fazem uso de dispositivos de mídia por pelo menos 5h, o que é bem acima

do recomendado pela Sociedade Brasileira de Pediatria. De forma geral, o uso inadequado de telas está associado à deficiência da linguagem, déficit cognitivo, dificuldades emocionais e comportamentais.

Outras duas questões elencadas pela professora Aline como aspectos negativos observados no retorno às aulas presenciais foram a dificuldade de manter a concentração e os efeitos da falta de contato social, corroborado pela professora Elizângela.

O ambiente doméstico, muitas vezes com distrações, dificultou a concentração dos alunos durante as aulas online (Professora Aline, 2024).

A falta de interação presencial com colegas e professores prejudicou o desenvolvimento social e emocional dos alunos (Professora Aline, 2024).

Percebi que houve um regresso, notei também uma dependência, uma insegurança por parte das crianças (Professora Elizângela, 2024).

O isolamento social evidenciou a importância da interação escolar. Queiroz, Sousa e Paula (2023, p.5), estudando os impactos da pandemia na aprendizagem de alunos em alfabetização, reforçam a importância da aprendizagem colaborativa, sobretudo no processo de aquisição da leitura e da escrita em que o aprendizado compartilhado, “a partir da heterogeneidade dos educandos, faz com que uns aprendam com os outros, propiciando uma melhor desenvoltura dos sujeitos”. A composição da sala de aula em níveis distintos de conhecimentos propicia que as crianças aprendam na interação com o outro, nas relações sociais.

Assim, outro fator destacado pelas professoras entrevistadas, relacionado aos anteriores, foi a dificuldade em acompanhar os conteúdos, seja pelas falhas na aprendizagem ou pela dificuldade de estabelecer novamente uma rotina.

Muitos alunos tiveram dificuldades em acompanhar o conteúdo das aulas online, seja por falta de acompanhamento familiar ou por dificuldades de aprendizagem específicas (Professora Aline, 2024).

Após encerramento do isolamento social e retorno às aulas presenciais sem dúvida muitos desafios que tivemos após tanto tempo fora da sala de aula. Nós tivemos que readaptar o nosso fazer para voltar às escolas, a partir de então podemos constatar a defasagem na aprendizagem, um grande problema que necessitou, e, ainda precisa de total atenção, uma vez que, essa defasagem de aprendizagem é uma realidade em na nossa sala de aula até os dias atuais (Professora Ângela, 2024).

Ao retornarmos do isolamento eu permaneci com a mesma turma, durante o isolamento eu estava com o primeiro ano e ao retornar já estávamos na série seguinte segundo ano do ensino fundamental I. Foi aquele choque de realidade porque muitas famílias pagavam algumas pessoas para realizar as atividades que foram ofertadas pela escola, então, havia crianças com o nível de defasagem gritante, muito aquém do que era esperado. Parece que houve uma perda cognitiva, pois, atividades que eram simples já não eram mais realizadas com autonomia (Professora Elizângela, 2024).

A maior dificuldade que eu percebi ao retornar do isolamento foi incentivar os alunos a retornarem às aulas, a rotina escolar, a rotina de uma sala de aula, a rotina de uma

criança que estuda e que faz suas tarefas de casa. A criança necessita dessa rotina, e, retomá-la com eles foi o mais difícil nesse retorno (Professora Glaucienne, 2024).

Para além dos problemas relacionados ao uso das tecnologias, seja pelo excesso ou pela falta, a ausência do contato social e da relação com outras crianças, os alunos estiveram expostos a uma outra demanda, a falta de preparo dos pais e responsáveis para assumirem o papel de tutores ou mediadores do processo de ensino e aprendizagem. Apesar dos esforços da escola e das professoras, grande parte dos pais não tinha conhecimento pedagógico para acompanhar e incentivar a aprendizagem dos filhos.

4.5 Estratégias de recomposição da aprendizagem

As estratégias de recomposição da aprendizagem visaram a busca de melhorias para o aprendizado e o desenvolvimento das crianças, tal como é preconizado nos documentos oficiais e nos discursos de quem defende a educação como um direito subjetivo (Martins; Sant'ana, 2023). Dessa forma, garantir a qualidade de ensino é pressupor oportunidades para que a aprendizagem aconteça e que os prejuízos acumulados pelo isolamento social possam ser minimizados.

A professora Aline ressalta que a Rede Municipal de Ensino de Curvelo, juntamente com as escolas e professores, identificaram e criaram estratégias para potencializar os avanços na área educacional:

Investimentos em infraestrutura tecnológica: Garantindo o acesso à internet e equipamentos para todos os alunos. Formação continuada dos professores: Capacitando os professores para o uso de novas tecnologias e metodologias de ensino. Apoio socioemocional aos alunos: Oferecendo suporte psicológico e atividades que promovam o bem-estar emocional dos alunos. Flexibilização do ensino: Adaptações das metodologias de ensino às necessidades de cada aluno, considerando suas diferentes realidades. Parceria com as famílias: Envolvimento das famílias no processo de ensino-aprendizagem, oferecendo orientações e suporte (Professora Aline, 2024).

A professora conclui, de forma positiva, que:

A pandemia trouxe desafios, mas também oportunidades para repensar a educação. Ao compreender os avanços e as dificuldades, podemos construir um futuro educacional mais justo e eficaz e dessa forma os alunos conseguem sim, se beneficiar de forma direta na recuperação da aprendizagem (Professora Aline, 2024).

As professoras Glaucienne, Ângela e Elizângela destacaram o projeto “Tempo de Aprender” como principal investimento educacional na recomposição da aprendizagem, sobretudo, da alfabetização.

Avaliado esse momento dos alunos em isolamento social, a Secretaria municipal de Educação-SME considerou que só as aulas regulares não seriam suficientes para suprir o déficit na aprendizagem. Então, paralela às aulas regulares, o município de Curvelo, como forma de acolher os alunos e reduzir as sequelas educacionais deixadas pela pandemia, ofertou aos discentes que estavam com defasagem na aprendizagem um projeto de intervenção que acontecia na mesma instituição educacional que eles estavam inseridos em período de contraturno. Foi um projeto voltado para a alfabetização, e que a meu ver foi um diferencial na vida destas crianças, que em início do processo de alfabetização ficaram afastados da escola sem um aporte presencial dos professores (Professora Glaucienne, 2024).

Muitos foram os alunos alfabetizados nesse projeto, isso não significa que todo aquele problema da defasagem foi sanado. Trata-se de um projeto que auxiliou muito na alfabetização dos alunos, e funcionou da seguinte maneira, nas segundas e quartas-feiras, o projeto era ofertado para os alunos dos segundos e terceiros anos, já nas terças e na quintas-feiras participavam os alunos dos quartos e dos quintos anos, e as sextas-feiras acontecia formação e o planejamento do que seria trabalhado na próxima semana. Esse foi um projeto que teve duração de dois anos nos quais eu participei, e, asseguro que foi muito importante as escolas ofertá-lo, uma vez que foi algo relevante no aprendizado dos alunos (Professora Ângela, 2024).

Para recuperar foi feito uma retomada com os alunos em defasagem, o município adotou um projeto de outro estado da Região Nordeste do Brasil “O Tempo de Aprender” era um projeto que funcionava no contraturno na escola. As crianças não ficavam um período integral, mas, elas passavam um tempo maior na escola fazendo essa retomada na aprendizagem e assim observar onde não houve a consolidação do processo alfabetização e então intervir. (Professora Elizângela, 2024).

O programa citado pelas professoras segue o direcionamento da Política Nacional de Alfabetização (PNA), que prevê a aplicação de práticas baseadas em evidências científicas nacionais e internacionais, com ênfase na ciência cognitiva da leitura e na neurociência. O “Tempo de Aprender” está organizado em versões online e presencial e destina-se a professores, coordenadores pedagógicos, diretores escolares e assistentes de alfabetização, sendo indicado para o último ano da Educação Infantil e para o primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental I (Nogueira; Lapuente, 2021).

A ideia do programa é melhorar a qualidade da alfabetização em todas as escolas públicas do Brasil e enfrentar as principais causas das deficiências na leitura e na escrita. Considerando o contexto pós-pandemia, as professoras entrevistadas consideram o programa como a principal política adotada pelo município para recomposição da aprendizagem.

4.6 Desafios deixados pela pandemia: novos caminhos a trilhar

Em 2020, tudo mudou. Com a pandemia, terminou o longo século escolar, iniciado 150 anos antes. A escola, tal como a conhecíamos, acabou. Começa, agora, uma outra escola. A era digital impôs-se nas nossas vidas, na economia, na cultura e na sociedade, e também na educação. Nada foi programado. Tudo veio de supetão. Repentinamente. Brutalmente (Nóvoa; Alvim, 2021).

Os desafios de construção de uma nova escola foram lançados. Essa reconstrução está

atrelada à recuperação da aprendizagem, à inclusão de forma crítica das tecnologias digitais na educação, à superação das desigualdades e remodelamento dos currículos e da forma de pensar o ensino.

As professoras Aline e Glaucienne enfatizam o desafio da recuperação da aprendizagem como um trabalho que precisa de continuidade:

Muitas escolas e sistemas educacionais ainda estão trabalhando para identificar e suprir as lacunas de conhecimento geradas pela interrupção das aulas presenciais e pela desigualdade no acesso às tecnologias (Professora Aline, 2024).

Infelizmente as sequelas advindas do isolamento social durante a pandemia permanecem até os dias atuais, houve sim uma melhoria quanto ao desânimo, mas, no que diz respeito à alfabetização, o letramento e no processo de ensino aprendizagem seguimos numa luta incansável para elevar os níveis e romper com a defasagem gerada pela pandemia (Professora Glaucienne, 2024).

Alunos que estariam lendo, escrevendo e interpretando textos estão no processo para adquirir estas habilidades, ou iniciando o mesmo, houve na vida educacional destas crianças um prejuízo gigante causado pelo longo período que passaram fora das salas de aula, mesmo tendo pais que os auxiliassem, acesso a ferramentas digitais e uma vida confortável (Professora Glaucienne, 2024).

Além disso, a professora Aline reforça como desafio a adaptação às novas metodologias, compreendendo que a transição entre o ensino remoto e presencial exige um período de adaptação tanto dos alunos quanto dos professores. É preciso encontrar um equilíbrio entre as novas metodologias e as tradicionais. Mas sem evitar a aprendizagem do novo:

Os professores precisam se adaptar rapidamente às novas demandas da educação, como o uso de tecnologias digitais e a necessidade de oferecer suporte socioemocional aos alunos (Professora Aline, 2024).

De acordo com Nóvoa e Alvim (2021), não é possível pensar a educação e os professores sem uma referência às tecnologias e à virtualidade nos tempos atuais. É preciso enfrentar as tensões entre o empobrecimento da diversidade e a valorização de diferentes culturas e modos de viver; entre a diminuição da privacidade e da liberdade e a afirmação de novas formas de democracia e participação; entre a redução do conhecimento ao digital e a importância de todo o conhecimento, humano e social.

A professora Glaucienne, também aponta como referência para a construção de uma nova educação a valorização do convívio social, que tanto fez falta durante a pandemia:

Eles estavam ansiosos pelo convívio escolar, encontrar os colegas e a professora, voltar ao convívio social que a escola oferece, mas, essa mesma ansiedade não os motivou para a rotina de realização das atividades em sala, tampouco em casa, havia uma “preguiça”, um desânimo em sala de aula. As tarefas de casa não eram realizadas, e nós, os professores, ligávamos, avisávamos aos pais por mensagens, falávamos com eles da importância de o aluno realizar as atividades, pedimos que acompanhassem de perto a vida escolar de seus filhos (Professora Glaucienne, 2024).

O meu pensamento é que, estar em um ambiente escolar é infinitamente melhor para o aprendizado, digo isto como profissional que atuou durante a pandemia e ainda atual,

e como mãe que vivenciou esse processo de isolamento com meu filho em casa. Mesmo dispondo de conhecimento e de todo o aparato tecnológico necessário para ofertar ao meu filho o que ele precisava naquele momento e que foi feito, tenho certeza de que se ele estivesse em sala de aula seu aprendizado seria infinitamente mais rico e proveitoso para ele (Professora Glaucienne, 2024).

Nesse sentido, Nóvoa e Alvim (2021) destacam que tem prevalecido a ilusão pela possibilidade de substituição da escola pela casa e pelas tecnologias. Entretanto, ao contrário da casa que é um lugar que é nosso, a escola é de muitos. A escola é o lugar do diferente, é a diferença e a convivência que educam. Assim “a grande vantagem da escola é ser diferente da casa. Por isso, é tão importante a colaboração entre a escola e as famílias, porque são realidades distintas e ganham, uma e outra, com essa complementaridade” (Nóvoa; Alvim, 2021, p.6).

Além de reconhecer as implicações para a educação advindas com a pandemia, como a questão das tecnologias e a falta de convívio social, a professora Ângela destaca que a pandemia, na verdade, colocou em evidência fragilidades com as quais a educação já vinha convivendo:

Os principais desafios não somente após a pandemia, alguns desafios antecedem a pandemia. Na educação, tínhamos inúmeros desafios, as desigualdades sociais, famílias que não são presentes na vida acadêmica de seus filhos, enfim desafios nunca nos faltaram. A família é extremamente importante na educação dos nossos alunos e infelizmente alguma deixam essa função de lado delegando tudo a escola (Professora Ângela, 2024).

E a professora Elizângela, aprofunda mais a reflexão sobre os desafios do pós-pandemia, questionando se não seria necessário estratégias mais eficazes de recuperação aprendizagem.

Hoje em dia dizer que passou e que foi superado não, não caberia, mas também justificar falhas com a pandemia já não é tão aceitável como antes. Eu penso que foi um ano difícil por todos, e que repetir 100% seria a melhor solução. Tomar bomba, não. Mas por que não criar outra série no ensino fundamental? Porque como eu disse em outra resposta, eu acredito que houve uma sequela cognitiva, então algo se perdeu e é claro que as gerações vão mudando com uma frequência assim muito veloz, mas, há algo que nós precisamos corrigir enquanto há tempo. (Professora Elizângela, 2024).

De fato, refletir sobre a aprendizagem nesse novo contexto torna-se primordial. Segundo Nóvoa e Alvim (2021) toda a educação parece reduzir-se à aprendizagem, e a uma aprendizagem mensurável: os alunos aprendem, as escolas são ambientes de aprendizagem, os professores são facilitadores de aprendizagem. No entanto, “é preciso dizer que, se os seres humanos aprendem, é quase sempre porque são ensinados. Não desvalorizemos, pois, os dois termos de uma mesma equação. Sem professores, a nossa educação será muito mais pobre e limitada” (Nóvoa; Alvim, 2021, p.9).

E são as professoras pesquisadas que deixam aqui suas pistas para a construção de um

outro contexto de educação:

É fundamental que escolas, governos e sociedade civil trabalhem em conjunto para superar esses desafios e garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade (Professora Ângela, 2024).

Precisamos recuperar, e, durante o processo de recuperação da aprendizagem foi necessário além de nos adequar, um tempo maior e um olhar mais sensível do profissional regente para entender todas as adversidades pelas quais esses alunos passaram durante a pandemia e suas decorrências, a partir de então, faz-se necessário buscar métodos e formas capazes de repara essa defasagem de modo significativo (Professora Glaucienne, 2024).

Esse processo de ensino e aprendizagem exige-nos um fazer e refazer, um reinventar-se diário para que obtenhamos êxito na educação (Professora Ângela, 2024).

Eu sou uma professora apaixonada pelo que eu faço e muito preocupada com o futuro das nossas crianças por que elas são os futuros profissionais que vão nos atender, e aí? Fica aquela dúvida. Será que os governantes não pensam dessa forma? Será que os professores estão negligenciando o seu fazer profissional? Há muitos questionamentos, mas, a gente que gosta de educar, que ama o que faz, a gente ergue a cabeça respira e segue em frente fazendo a sua parte (Professora Elizângela, 2024).

Dessa forma, os desafios deixados pela pandemia, demonstram que há muito caminho a ser percorrido na educação. Entretanto, é preciso reconhecer que o modelo escolar tradicional está no fim. Uma metamorfose da escola é urgente para dar conta de construir ambientes escolares propícios aos estudos coletivos, às interações humanas, à vivência com as tecnologias e às metodologias de aprendizagem significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o contexto educacional atual, conhecer e entender a realidade do aluno faz-se necessário para que se desenvolva um trabalho significativo e eficaz. Isso requer o uso de conteúdos, metodologias e tecnologias que construam significado e confirmem sentido ao aprendizado, possibilitando ao educar uma melhor compreensão e aproveitamento do conhecimento, com foco na transformação da realidade de cada um.

Diante do exposto, fica claro que os impactos causados pela pandemia da COVID- 19 geraram inúmeras consequências negativas não apenas na saúde e na economia do país, mas também afetaram significativamente a educação e o processo de ensino- aprendizagem, atingindo, de maneira mais severa, a população de baixa renda. A falta de acesso às tecnologias e a desigualdade digital foram evidenciadas de forma alarmante, escancarando as fragilidades do sistema educacional brasileiro.

O maior desafio da educação nos tempos pós-pandemia será buscar sanar os déficits que impedem a efetivação do ensino e da aprendizagem. De acordo com os professores participantes da pesquisa, o ensino remoto revelou uma série de dificuldades que comprometem o aprendizado, pois nem todos os alunos tiveram acesso às ferramentas tecnológicas permitidas para acompanhar as aulas a distância. Esse cenário foi comprovado em um impacto direto na qualidade do aprendizado, aprofundando dificuldades em leitura, escrita, interpretação de texto e habilidades matemáticas.

Além das dificuldades acadêmicas, há desafios relacionados à socialização e adaptação ao ambiente escolar. O isolamento social prolongou o comportamento dos estudantes, tornando o retorno às aulas presenciais um processo complexo, marcado por dificuldades de convivência, adaptação às rotinas escolares e aumento da indisciplina. O distanciamento das práticas escolares presenciais também contribuiu para o aumento do analfabetismo funcional, o que exigiu um trabalho redobrado por parte dos educadores para recuperar o desenvolvimento integral dos estudantes.

A pandemia expõe a necessidade urgente de políticas públicas eficientes que garantam a equidade no acesso à educação de qualidade. Os gestores educacionais, em conjunto com governos e sociedade, precisam desenvolver métodos estratégicos para enfrentar os desafios do pós-pandemia, evitando que o sistema educacional seja novamente redesenhado por situações de crise. Além disso, a formação continuada dos professores e a inserção prevista das tecnologias educacionais são essenciais para garantir um ensino mais dinâmico e acessível, diminuindo desigualdades e promovendo um aprendizado significativo para todos.

O cenário educacional brasileiro precisa se reestruturar, não apenas para recuperar as perdas do período pandêmico, mas para evoluir e oferecer uma educação inclusiva e de qualidade, que valorize a individualidade dos alunos e os prepare para os desafios do século XXI. Assim, será possível garantir que a escola cumpra sua função social e formativa, promovendo o desenvolvimento pleno dos estudantes e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Instituto DataSenado. **DataSenado: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia.** Brasília: Senado Federal, 2020. Disponível em: [https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia#:~:text=Na%20rede%20p%C3%BAblica%2C%2026,quarta%2Dfeira%20\(12\)](https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia#:~:text=Na%20rede%20p%C3%BAblica%2C%2026,quarta%2Dfeira%20(12).)). Acesso em 06/05/2024.

ANDES-SN. **A pandemia e o trabalho remoto.** Brasília: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN, 2020. Disponível em: <https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/setembro/cartilha%20ensino%20remoto.pdf>. Acesso em 06/05/2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/constituicao-federal.asp>. Acesso em 06/05/2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 05/03/2024.

BRASIL 61. **Evasão escolar:** número de crianças fora da escola aumentou 171% na pandemia, indica IBGE. Brasil 61, 2024. Disponível em: <https://brasil61.com/n/evasao-escolar-numero-de-criancas-fora-da-escola-aumentou-171-na-pandemia-indica-ibge-bras226750>. Acesso em 06/05/2024.

COSTA, M.V. Introdução. Novos olhares na pesquisa em Educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 p. 13-22.

DANTAS, Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto; ALMEIDA, Pauliane Duarte; CABRAL, Elisângela Ribeiro de Oliveira. Impactos da pandemia da COVID-19 na Educação: da Educação Básica ao Ensino Superior no Distrito Federal – Brasil. **RIAEE– Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, 2024.

EMBPL. Escola Estadual Boaventura Pereira Leite. **Relatório Circunstanciado do Diretor da Instituição de Ensino.** Curvelo, Minas Gerais. 2021.

EMBPL. Escola Municipal Boaventura Pereira Leite. **Projeto Político Pedagógico Ensino Fundamental Escola Municipal Boaventura Pereira Leite:** Complementação da Proposta Pedagógica 2020. Atividades Pedagógicas Não Presenciais. Curvelo, Minas Gerais, 2020.

EMBPL. Escola Municipal Boaventura Pereira Leite. **Regime Especial FAD Atividades Não Presenciais:** Documentação Sistema REANP - Curvelo 2020. Adendo Regimental nº 01/2020. Curvelo, Minas Gerais, 2020.

EMBPL. Escola Municipal Boaventura Pereira Leite. **Relatório de Atendimento.** Curvelo, Minas Gerais. 2022.

EMBPL. Escola Municipal Boa Ventura Pereira Leite. **Resposta à solicitação via e-mail.** Ofício 02/2021. Curvelo, Minas Gerais. 2021.

ESTEVÃO, Ana Cecília; COSTA, Maria Adélia. Aprendizados no ensino remoto intencional: transformações em disciplinas de formação técnica na educação profissional e tecnológica. In: COSTA, Maria Adélia. (org.). **Aprendizagem na educação profissional mediada pelo uso das tecnologias.** Goiânia: Alta Performance, 2022.

FORNARI, L. T. Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, RS, v. 17, n. 1, p. 112-124, jan. /jun. 2010

GALVÃO, Maycon Ribeiro; CASIMIRO, Sonia Aparecida Alves de Oliveira. O papel do professor na escola: educação e transformação. **Revista Owl**. v. 1, n. 2, Campina Grande, ago. 2023.

GROSSI, Marcia Goretti Ribeiro; MINODA, Dalva de Souza; FONSECA, Renata Gadoni Porto. Impacto da pandemia do COVID-19 na educação: reflexos na vida das famílias. **Teoria e Prática da Educação**, v. 23, n.3, p. 150-170, 2020.

GIL, Antônio Carlos, 1946-. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 01/05/2025.

LEAL, Paulo Célio de Souza. **A educação diante de um novo paradigma: ensino a distância (EAD) veio para ficar!** Gestão & Tecnologia Faculdade Delta, v. 1, n.30, p. 41-43, jan./jun. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.** Educação e Pesquisa, São Paulo, SP, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.34, n.73, p.262- 280, maio/ago. 2021.

MARTINS, Maria Aparecida Ruiz; SANT'ANA, Izabella Mendes. A recuperação da aprendizagem no pós-pandemia: medida para a garantia do direito à educação. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 33, n.3, p. 549-562, 2023.

MEDEIROS, A.Y.B.B. et al. Fases psicológicas e sentido da vida em tempos de isolamento social devido à pandemia do COVID-19, uma reflexão à luz de Viktor Frank. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**. v. 9, n. 5, 2020.

NERI, Marcelo; OSÓRIO, Manuel Camillo. Evasão escolar e jornada remota na pandemia. **Revista NECAT** – v. 10, n. 19, 2021.

NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; LAPUENTE, Janaína Soares Martins. “Tempo de Aprender”: uma proposta do Ministério da Educação para professores alfabetizadores.

Revista de Educação PUC- Campinas, v. 26, 2020.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 42, 2021.

OLIVEIRA, Arlete Maria Gomes Oliveira; SOUZA, Luciane Zanin; LAGO, Micaella Emanuella Abreu; SENA, Flavia Cristine Abreu; COSTA, Elson Fonseca; FLÓRIO, Flávia Martão. Educação em tempos de pandemia: impactos para professores de uma escola da rede particular em São Luís – MA. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.26, p. 1-20, 2024.

ORTEGA, Lenisse Maria Ribeiro; ROCHA, Vitor Fiuza. O dia depois de amanhã –na realidade e nas mentes –o que esperar da escola pós-pandemia? **Revista Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n.1, p.302-312. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURVELO. **Decreto nº 4.039, de 16 de março de 2020**. Declara situação de emergência em saúde pública como medida preventiva à infecção humana pelo novo Coronavírus (COVID-19) no município de Curvelo e dá outras providências. Curvelo, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURVELO. **Decreto nº 4.041, de 18 de março de 2020**. Altera o Decreto nº 4.039, de 16 de março de 2020, que declara situação de emergência em saúde pública como medida preventiva à infecção humana pelo novo coronavírus (COVID-19) no município de Curvelo. Curvelo, MG: [s.n.], 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURVELO. **Resolução 474 -- Revogada pela Resolução 478/2021**. Disponível em: <<https://cee.educacao.mg.gov.br/index.php/legislacao/resolucoes/download/5-2020/12965-resolucao-cee-474-reorganizacao-calendario-escolar-final-pandemia-COVID-19>>. Acesso em 07/11/2024.

QUEIROZ, Michele Gomes; SOUSA, Francisca Genifer Andrade; PAULA, Genegleisson Queiroz. Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021

SAMPAIO, Marisa Narcizo. LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, Portugal: Almedina, 2020.

SANTOS, Rodrigo Alves. Contexto da pandemia da COVID-19 e seu potencial legado para a relação educação/tecnologia: entre constatações e provocações. In: COSTA, Maria Adélia. (org.). **Aprendizagem na educação profissional mediada pelo uso das tecnologias**. Goiânia: Alta Performance, 2022.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**. v. 23, nº. 67, 2021, p. 36-49.

SOUSA, Ivan Nunes; SIMÃO, Maria Olívia de Albuquerque Ribeiro; SOUZA, Jane Clea

Santos; MILHOMEM, Karina de Oliveira. Desafios educacionais na região metropolitana de Manaus: os impactos da pandemia no acesso à educação. **DELOS**, Curitiba, v.17, n.62, p. 01-25, 2024.

SOUSA, Lucas Lopes; CARVALHO, José Bégue Moreira. Uso abusivo de telas na infância e suas consequências. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. v. 23, n. 2. 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude>. Acesso em: 15/03/2024.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **A educação a educação brasileira e a pandemia de COVID-19**. Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020. São Paulo, SP: Moderna, 2017. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/> . Acesso em: 15/03/2024.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Pobreza na infância e na adolescência**. São Paulo: UNICEF, 2019. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza_na_Infancia_e_na_Adolescencia.pdf. Acesso em: 06/04/2024.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. Cenário da exclusão escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação. São Paulo: CENPEC, 2021.

APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

1ª Entrevistada: Professora Aline

1- Na sua percepção enquanto professor da Educação Básica, quais fatores impactaram a vida escolar dos alunos durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19?

A pandemia da COVID-19 trouxe diversos desafios para a educação, impactando significativamente a vida escolar dos alunos e acredito que os fatores que causaram maior impacto foram: Desigualdade digital: A falta de acesso a equipamentos e internet prejudicou o acompanhamento das aulas online por muitos alunos. Dificuldade em manter a rotina: A ausência da rotina escolar presencial e a falta de interação social com colegas e professores afetaram o engajamento e a motivação dos estudantes. Dificuldade em aprender sozinhos: Muitos alunos necessitam de um ambiente estruturado e da orientação de um professor para aprender de forma eficaz. Dificuldades familiares: A pandemia também impactou as famílias, gerando dificuldades financeiras e emocionais, o que, por sua vez, afetou o desempenho escolar dos alunos. Em resumo, a pandemia evidenciou as desigualdades sociais e as fragilidades do sistema educacional, exigindo uma urgente reavaliação das práticas pedagógicas e a busca por soluções para garantir o direito à educação de qualidade para todos os alunos.

2- Há uma mensuração sobre o percentual de evasão escolar durante a pandemia?

Durante os dois anos de pandemia com aulas remotas, pude observar em minha sala que não houve um percentual de evasão escolar durante esse período. Salvo engano, apenas uns 3 alunos deixaram de entregar as atividades pedagógicas propostas. Diante todo o cenário pandêmico e as dificuldades enfrentadas pelas famílias, é um percentual considerado baixo, na minha visão.

Importante ressaltar que mesmo aqueles alunos que não tinham acesso à internet em casa, eles foram assistidos por meio de atividades impressas que a família tinha o compromisso de buscar e entregar na escola na data combinada.

3- *Qual a estratégia utilizada por você ou pela escola para manter e incentivar os (as) alunos (as) a permanecerem na escola nesse período?*

A pandemia da COVID-19 trouxe desafios inéditos para a educação, exigindo que escolas e professores buscassem novas formas de manter os alunos engajados e motivados. As estratégias utilizadas para minimizar os impactos da pandemia na vida escolar dos alunos em nossa escola foram, uso de ferramentas digitais e recursos online como criação de Grupos de Whatsapp para facilitar o ensino a distância. Dentro dos grupos, eram disponibilizados recursos interativos como jogos educativos, simulações e outros recursos digitais para tornar o aprendizado mais dinâmico, interessante e prazeroso.

Além de disponibilizar blocos de atividades quinzenais impressas. Onde a família tinha o compromisso de buscar e fazer a devolutiva na data combinada. Importante ressaltar que a comunicação se fez presente e constante entre professor e família diariamente, por meio de mensagens instantâneas e videoconferências para tirar dúvidas, fornecer feedback e acompanhar o progresso do aluno.

4- *Após o encerramento do isolamento social e retorno às aulas presenciais, quais avanços e / ou dificuldades você pôde perceber nos alunos?*

A pandemia da COVID-19 trouxe mudanças significativas para o sistema educacional, impactando diretamente a vida dos alunos. Ao analisar o cenário pós-pandemia, percebemos tanto avanços quanto dificuldades.

Avanços: Maior familiaridade com a tecnologia: O ensino remoto impulsionou o uso de ferramentas digitais, isso proporcionou aos alunos um contato mais próximo com a tecnologia, desenvolvendo habilidades digitais importantes para o futuro. Autonomia e responsabilidade: Com o ensino remoto, muitos alunos precisaram desenvolver maior autonomia para organizar seus estudos e cumprir prazos. Isso contribuiu para o desenvolvimento de habilidades como disciplina e gestão do tempo. Novas formas de aprender: A pandemia exigiu a criação de novas metodologias de ensino, como aulas online interativas, projetos colaborativos e gamificação. Essas novas abordagens podem tornar o aprendizado mais engajador e personalizado.

Dificuldades: Desigualdade digital: A falta de acesso a equipamentos e internet de qualidade prejudicou o aprendizado de muitos alunos, ampliando as desigualdades

educacionais. Dificuldade em manter a concentração: O ambiente doméstico, muitas vezes com distrações, dificultou a concentração dos alunos durante as aulas online. Isolamento social: A falta de interação presencial com colegas e professores prejudicou o desenvolvimento social e emocional dos alunos. Dificuldade em acompanhar o conteúdo: Muitos alunos tiveram dificuldades em acompanhar o conteúdo das aulas online, seja por falta de acompanhamento familiar ou por dificuldades de aprendizagem específicas.

5- *Quais estratégias de recuperação da aprendizagem foram utilizadas por você, pela escola ou pela Rede Municipal de Educação? Você acredita que os estudantes conseguiram se beneficiar destas ações estratégicas desenvolvidas?*

A rede municipal de ensino de Curvelo, as escolas e os professores logo identificaram e criaram estratégias para potencializar os avanços na área educacional que foram: Investimentos em infraestrutura tecnológica: Garantindo o acesso à internet e equipamentos para todos os alunos; formação continuada dos professores: Capacitando os professores para o uso de novas tecnologias e metodologias de ensino; apoio socioemocional aos alunos: Oferecendo suporte psicológico e atividades que promovam o bem-estar emocional dos alunos; flexibilização do ensino: Adaptações das metodologias de ensino às necessidades de cada aluno, considerando suas diferentes realidades; parceria com as famílias: Envolvimento das famílias no processo de ensino- aprendizagem, oferecendo orientações e suporte.

A pandemia trouxe desafios, mas também oportunidades para repensar a educação. Ao compreender os avanços e as dificuldades, podemos construir um futuro educacional mais justo e eficaz e dessa forma os alunos conseguem sim, se beneficiar de forma direta na recuperação da aprendizagem.

6- *Hoje, dois anos após o fim da pandemia, quais os principais desafios relacionados ao processo de aprendizagem na educação básica?*

Acredito que os principais desafios são: Recuperação da Aprendizagem: Lacunas de conhecimento: Muitas escolas e sistemas educacionais ainda estão trabalhando para identificar e suprir as lacunas de conhecimento geradas pela interrupção das aulas presenciais e pela desigualdade no acesso às tecnologias. Adaptação às novas metodologias: A transição entre o ensino remoto e presencial exige um período de

adaptação tanto dos alunos quanto dos professores. É preciso encontrar um equilíbrio entre as novas metodologias e as tradicionais. Desigualdade Social: Acesso à tecnologia: A desigualdade digital se acentuou durante a pandemia, com muitos alunos tendo dificuldades em acompanhar as aulas online devido à falta de equipamentos e internet. Condições socioeconômicas: A crise econômica gerada pela pandemia afetou as condições socioeconômicas de muitas famílias, impactando diretamente a vida escolar dos alunos. Adaptação de professores que insistem em métodos tradicionais: Adaptação às novas demandas: Os professores precisam se adaptar rapidamente às novas demandas da educação, como o uso de tecnologias digitais e a necessidade de oferecer suporte socioemocional aos alunos. Finalizando afirmando que é fundamental que escolas, governos e sociedade civil trabalhem em conjunto para superar esses desafios e garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade.

2ª Entrevistada: Professora: Glaucienne

1- Na sua percepção enquanto professor da Educação Básica, quais fatores impactaram a vida escolar dos alunos durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19?

Durante o isolamento provocado pela COVID-19, o que mais veio impactar a vida do educando foi o não acesso. O que vem a ser esse não acesso? É o fato de que nem todos os nossos alunos tiveram contato com as ferramentas tecnológicas, ou melhor, não puderam usufruir das tecnologias para continuarem estudando. Outro fator ligado ao não acesso está relacionados a falta de conhecimento dos pais/famílias para estar auxiliando os alunos nas atividades que lhes foram apresentadas nesse período de pandemia. O fato de estarem desprovidos das ferramentas tecnológicas e de acesso a uma internet de qualidade fez com que nem todos os alunos pudessem assistir às aulas, nem mesmo receber instruções dos professores através das vídeo aulas gravadas, ou mesmo ouvir os áudios enviados nos grupos de whatsapp. Acesso à internet e aos dispositivos móveis em tempo integral ou não foi o fator que mais impactou a vida escolar dos nossos alunos, pois, às vezes o celular disponível na família só chegava em casa com os pais a noite.

2- Há uma mensuração sobre o percentual de evasão escolar durante a

pandemia?

Eu atuei no ensino fundamental “1” durante o período de isolamento, onde estou até hoje. A meu ver não teve uma evasão, as crianças não abandonaram a escola, mas, neste período os alunos ficaram ociosos. O fato de os pais não serem habilitados ou não possuírem instrução e conhecimento suficiente no que diz respeito a alfabetização das crianças fez com que os alunos não tivessem o mínimo de acesso aos conteúdos escolares. Materiais eram ofertados pelas escolas, municípios e pelo estado, contudo, as famílias e seus conhecimentos restritos não foram suficientes para auxiliar os alunos em suas tarefas.

3- Qual a estratégia utilizada por você ou pela escola para manter e incentivar os (as) alunos (as) a permanecerem na escola nesse período?

A estratégia utilizada pela instituição educacional na qual eu estava inserida foi criar grupos de whatsapp adicionar os pais e os responsáveis que possuíam dispositivos compatíveis criando um canal de acesso pelo qual nós professores mantínhamos contatos com os alunos e suas famílias. Acredito que usamos todas as estratégias possíveis no momento para incentivar e auxiliá-los, elaboramos videoaulas, vídeos educativos, enfim tudo que estava ao nosso alcance creio que tenha sido feito para incentivar, e promover aos alunos, ainda que virtualmente, o mínimo de contato com a escola, como conhecimento, com o aprendizado e com a instrução.

4- Após o encerramento do isolamento social e retorno às aulas presenciais, quais avanços e/ou dificuldades você pôde perceber nos alunos?

A maior dificuldade que eu percebi ao retornar do isolamento foi incentivar os alunos a retornarem às aulas, a rotina escolar, a rotina de uma sala de aula, a rotina de uma criança que estuda e que faz suas tarefas de casa. A criança necessita dessa rotina, e, retomá-la com eles foi o mais difícil nesse retorno. As crianças que tiveram acesso ao mundo digital, à internet e suas ferramentas e enraizaram em si esses longos momentos de frente com as telas fazendo uso, as vezes aleatórios, das tecnologias principalmente os alunos maiores, os adolescentes. Hoje tudo está na mão, ou seja, nas telas, qualquer que seja o questionamento que você tenha, usando um tablete ou celular para a pesquisa a internet te oferece à resposta. Diante disto, torna perceptível que os alunos estão mentalmente

preguiçosos, eles têm preguiça de pensar, de raciocinar e de criar. Ficar horas acessando as tecnologias, a internet criou uma barreira e uma dependência, é tudo muito a mão, muito fácil, um processo muito rápido para obter respostas. O processo de pensar para criar ficou estagnado, o cérebro não está sendo estimulado, alguns estudantes hoje preferem optar pela facilidade do Ctrl+c e Ctrl+v devido a essa preguiça mental que certamente irá refletir no futuro e na vida adulta deste educando.

5- Quais estratégias de recuperação da aprendizagem foram utilizadas por você, pela escola ou pela Rede Municipal de Educação? Você acredita que os estudantes conseguiram se beneficiar destas ações estratégicas desenvolvidas?

Quando retornamos para as salas de aula de modo presencial, após o relaxamento do isolamento social, iniciamos como “bolhas” num retorno híbrido que combinava as aulas presenciais para alguns alunos e as aulas acompanhadas a distância pelos outros educandos que ficaram em casa.

Após a extinção do período de bolhas, as aulas voltam ao “normal”, alunos em sala de aula em período regular. Avaliado esse momento dos alunos em isolamento social, a Secretaria municipal de Educação-SME considerou que só as aulas regulares não seriam suficientes para suprir o déficit na aprendizagem. Então, paralela às aulas regulares, o município de Curvelo, como forma de acolher os alunos e reduzir as sequelas educacionais deixadas pela pandemia, ofertou aos discentes que estavam com defasagem na aprendizagem um projeto de intervenção que acontecia na mesma instituição educacional que eles estavam inseridos em período de contraturno. Foi um projeto voltado para a alfabetização, e que a meu ver foi um diferencial na vida destas crianças, que em início do processo de alfabetização ficaram afastados da escola sem um aporte presencial dos professores.

7- Hoje, dois anos após o fim da pandemia, quais os principais desafios relacionados ao processo de aprendizagem na educação básica?

Hoje eu digo que a vida da humanidade voltou ao “normal”. E o que ficou desse isolamento? Desse período que as crianças ficaram afastadas das escolas? O saldo de tudo isso são as sequelas educacionais que circundam as nossas crianças, e os desafios que enfrentaremos ao tentar retomar a “velha rotina” de sala de aula com nossos alunos. As

crianças retornam às aulas presencias trazendo consigo um novo costume, uma rotina e um ritmo diferente devido ao tempo em que ficaram em casa durante o isolamento. É verdade que mesmo ficando em casa, foi disponibilizado para eles materiais, apostilas impressas, elaborados e fornecidos pela escola e pelo município para que continuassem os estudos. Infelizmente, em casa, vários foram os motivos que desviavam a atenção desses alunos durante os estudos fazendo com que o aprendizado ficasse em segundo ou terceiro plano, e, tudo isso dificultou essa retomada na rotina dos estudos.

Eles estavam ansiosos pelo convívio escolar, encontrar os colegas e a professora, voltar ao convívio social que a escola oferece, mas, essa mesma ansiedade não os motivou para a rotina de realização das atividades em sala, tampouco em casa, havia uma “preguiça”, um desânimo em sala de aula. As tarefas de casa não eram realizadas, e nós, os professores, ligávamos, avisávamos aos pais por mensagens, falávamos com eles da importância de o aluno realizar as atividades, pedimos que acompanhassem de perto a vida escolar de seus filhos. Infelizmente as sequelas advindas do isolamento social durante a pandemia permanecem até os dias atuais, houve sim uma melhoria quanto ao desânimo, mas, no que diz respeito à alfabetização, o letramento e no processo de ensino aprendizagem seguimos numa luta incansável para elevar os níveis e romper com a defasagem gerada pela pandemia.

Alunos que estariam lendo, escrevendo e interpretando textos estão no processo para adquirir estas habilidades, ou iniciando o mesmo, houve na vida educacional destas crianças um prejuízo gigante causado pelo longo período que passaram fora das salas de aula, mesmo tendo pais que os auxiliassem, acesso a ferramentas digitais e uma vida confortável. O meu pensamento é que, estar em um ambiente escolar é infinitamente melhor para o aprendizado, digo isto como profissional que atuou durante a pandemia e ainda atual, e como mãe que vivenciou esse processo de isolamento com meu filho em casa. Mesmo dispondo de conhecimento e de todo o aparato tecnológico necessário para ofertar ao meu filho o que ele precisava naquele momento e que foi feito, tenho certeza de que se ele estivesse em sala de aula seu aprendizado seria infinitamente mais rico e proveitoso para ele.

Precisamos recuperar, e, durante o processo de recuperação da aprendizagem foi necessário além de nos adequar, um tempo maior e um olhar mais sensível do profissional regente para entender todas as adversidades pelas quais esses alunos passaram durante a pandemia e suas decorrências, a partir de então, faz-se necessário buscar métodos e formas capazes de repara essa defasagem de modo significativo.

3ª Entrevistada: Professora: Ângela

1- Na sua percepção enquanto professor da Educação Básica, quais fatores impactaram a vida escolar dos alunos durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19?

As consequências e os impactos gerados pela pandemia da COVID-19 na educação básica foram muitos, e posso afirmar que foram negativos. Os alunos e até nós, os professores, enfrentamos vários desafios em nosso dia a dia. O maior impacto nos foi causado pelos aparatos tecnológicos, ou melhor, pela falta deles. Elaborávamos as aulas, mas, não podíamos garantir que nossos alunos iriam acessá-las, que o aprendizado aconteceria afinal a maioria deles vivem uma realidade diferente, alguns não possuíam celular em casa e nem condições para adquirir, outros tinha o aparelho, mas não wi-fi, e os dados móveis nunca eram suficientes. Ainda hoje temos que lidar com a defasagem trazida pelo não acesso as tecnologias, porta de entrada da educação durante o isolamento social.

2- Há uma mensuração sobre o percentual de evasão escolar durante a pandemia?

Não houve uma mensuração, mas, a evasão escolar devido à pandemia foi perceptível. A escola cumpre um papel social fundamental na vida dos alunos, e este afastamento durante o isolamento fragilizou os vínculos entre escola/aluno/professor. Por mais que tentasse trazer aulas atrativas e dinâmicas, dentro do que me era possível naquele momento, esse carinho não chegava a todos como gostaria e não me restava muitas opções para potencializar esses vínculos sociais, pois, nem todos os alunos tinham em suas mãos as tecnologias necessárias para assistir as aulas remotas. Famílias se refugiaram na zona rural e os vínculos foram rompidos e com isso alguns alunos não retornaram para as salas de aulas.

3- Qual a estratégia utilizada por você ou pela escola para manter e incentivar os (as) alunos (as) a permanecerem na escola nesse período?

Esse período da pandemia da COVID-19 tivemos que reinventar uma nova educação, possamos a trabalhar com o ensino remoto e através desse ensino remoto nós ofertamos diversos tipos de atividades. Oferecemos o que seria mais atrativo para os alunos

como vídeos para incentivar a participação dos alunos e manter um vínculo com esses alunos.

4- Após o encerramento do isolamento social e retorno às aulas presenciais, quais avanços e/ou dificuldades você pôde perceber nos alunos?

Após encerramento do isolamento social e retorno às aulas presenciais sem dúvida muitos desafios que tivemos após tanto tempo fora da sala de aula. Nós tivemos que readaptar o nosso fazer para voltar às escolas, a partir de então podemos constatar a defasagem na aprendizagem, um grande problema que necessitou, e, ainda precisa de total atenção, uma vez que, essa defasagem de aprendizagem é uma realidade em na nossa sala de aula até os dias atuais.

5- Quais estratégias de recuperação da aprendizagem foram utilizadas por você, pela escola ou pela Rede Municipal de Educação? Você acredita que os estudantes conseguiram se beneficiar destas ações estratégicas desenvolvidas?

No município que eu trabalho foi ofertado a esses alunos um projeto de alfabetização no qual o público-alvo eram alunos do segundo ano até o quinto ano. Muitos foram os alunos alfabetizados nesse projeto, isso não significa que todo aquele problema da defasagem foi sanado. Trata-se de um projeto que auxiliou muito na alfabetização dos alunos, e funcionou da seguinte maneira, nas segundas e quartas-feiras, o projeto era ofertado para os alunos dos segundos e terceiros anos, já nas terças e na quintas-feiras participavam os alunos dos quartos e dos quintos anos, e as sextas-feiras acontecia formação e o planejamento do que seria trabalhado na próxima semana. Esse foi um projeto que teve duração de 2 anos nos quais eu participei, e, asseguro que foi muito importante as escolas ofertá-lo, uma vez que foi algo relevante no aprendizado dos alunos.

6- Hoje, dois anos após o fim da pandemia, quais os principais desafios relacionados ao processo de aprendizagem na educação básica?

Os principais desafios não somente após a pandemia, alguns desafios antecedem a pandemia. Na educação, tínhamos inúmeros desafios, as desigualdades sociais, famílias que não são presentes na vida acadêmica de seus filhos, enfim desafios nunca nos faltaram. A

família é extremamente importante na educação dos nossos alunos e infelizmente alguma deixam essa função de lado delegando tudo a escola. Esse processo de ensino e aprendizagem exige-nos um fazer e refazer, um reinventar-se diário para que obtenhamos êxito na educação.

4ª Entrevistada: Elizângela

1- Na sua percepção enquanto professor da Educação Básica, quais fatores impactaram a vida escolar dos alunos durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19?

O que mais impactou a vida escolar dos alunos durante a pandemia com o isolamento social que sucedeu a pandemia da COVID-19, foi sem dúvida o acesso à tecnologia, algumas famílias possuíam um smartphone, mas, não possuíam um Wi-Fi, elas utilizavam os Dados móveis que eram consumidos rapidamente, então, eles economizavam muito para ter a internet. Estamos falando de um aparelho para toda a família, tendo às vezes que atender três ou quatro filhos em idade escolar, então, eu acredito que o pódio aí vai para a falta de acesso às tecnologias, E coladinho ao pódio vem a questão do nível de escolaridade das famílias considerando que a escola que eu atuava era uma escola de periferia onde muitos pais tinham o nível de escolaridade baixo, havendo um déficit na orientação dessas crianças. A pandemia trouxe à tona a desvalorização à educação.

2- Há uma mensuração sobre o percentual de evasão escolar durante a pandemia?

O nível de evasão escolar foi baixo, eu acredito que isso se deu devido à verba da bolsa escola e de propostas do município como cestas básicas destinadas as famílias carentes, eu acredito que o baixo percentual de evasão escolar foi sustentado por esses incentivos ofertados as famílias mais carentes. Muitas das nossas crianças, como eu disse anteriormente que estava atuando em uma escola periférica, iam a escola para lanche, então, para que elas não passasse essa necessidade em casa o município ofertou cestas básicas para as crianças que faziam as atividades, respondiam as chamadas, e mesmo que elas não estivessem on-line durante o período da aula, mas realizavam e entregavam seu bloco de atividades porque a escola ofertava a todos os alunos, do 1º período aos 5º anos,

um bloco de exercícios quinzenalmente e este era conferido por nós. Acredito que o baixo percentual de evasão na escola tenha acontecido por causa desses estímulos às famílias.

3- Qual a estratégia utilizada por você ou pela escola para manter e incentivar os (as) alunos (as) a permanecerem na escola nesse período?

Na época eu atuava com uma turma do primeiro ano, pensa no auge da alfabetização eles sendo obrigados a ficar fora da escola. Eu assisti a vários vídeos pra ter uma inspiração de como conquistar esses meninos mesmo distantes, eu queria tanto levar um pouco de acalento, de alegria, de afeto até a casa deles, então, fiz o que pude. Criei personagens, eu sorteava brindes eu ia até a casa dessas crianças, não entrava por segurança, eu usava máscara ia até a calçada para que eles sentissem que tudo aquilo ia passar e que a professora deles estava ali não era só a tela de um telefone. A estratégia que eu utilizei foi ser o mais presente possível na vida deles e mostrar o quanto eu me importava com eles.

4- Após o encerramento do isolamento social e retorno às aulas presenciais, quais avanços e/ou dificuldades você pôde perceber nos alunos?

Ao retornarmos do isolamento eu permaneci com a mesma turma, durante o isolamento eu estava com o primeiro ano e ao retornar já estávamos na série seguinte segundo ano do ensino fundamental1. Foi aquele choque de realidade porque muitas famílias pagavam algumas pessoas para realizar as atividades que foram ofertadas pela escola, então, havia crianças com o nível de defasagem gritante, muito aquém do que era esperado. Percebi que houve um regresso, notei também uma dependência, uma insegurança por parte das crianças. Parece que houve uma perda cognitiva, pois, atividades que eram simples já não eram mais realizadas com autonomia.

5- Quais estratégias de recuperação da aprendizagem foram utilizadas por você, pela escola ou pela Rede Municipal de Educação? Você acredita que os estudantes conseguiram se beneficiar destas ações estratégicas desenvolvidas?

Para recuperar foi feito uma retomada com os alunos em defasagem, o município adotou um projeto de outro estado da Região Nordeste do Brasil “O Tempo de Aprender”

era um projeto que funcionava no contraturno na escola. As crianças não ficavam um período integral, mas, elas passavam um tempo maior na escola fazendo essa retomada na aprendizagem e assim observar onde não houve a consolidação do processo alfabetização e então intervir. O projeto atendia os alunos do primeiro ao quinto ano que estavam em defasagem no aprendizado. Não foi algo que aconteceu somente na escola onde eu atuava, ele contemplava todas as escolas do município, e essa retomada com o tempo de aprender que foi um investimento da secretaria municipal de educação da prefeitura de Curvelo.

6- Hoje, dois anos após o fim da pandemia, quais os principais desafios relacionados ao processo de aprendizagem na educação básica?

Hoje em dia dizer que passou e que foi superado não, não caberia, mas também justificar falhas com a pandemia já não é tão aceitável como antes. Eu Elizângela penso que foi um ano difícil por todos, e que repetir 100% seria a melhor solução. Tomar bomba, não. Mas por que não criar outra série no ensino fundamental? Porque como eu disse em outra resposta, eu acredito que houve uma sequela cognitiva, então algo se perdeu e é claro que as gerações vão mudando com uma frequência assim muito veloz, mas, há algo que nós precisamos corrigir enquanto há tempo. Eu sou uma professora apaixonada pelo que eu faço e muito preocupada com o futuro das nossas crianças por que elas são os futuros profissionais que vão nos atender, e aí? Fica aquela dúvida. Será que os governantes não pensam dessa forma? Será que os professores estão negligenciando o seu fazer profissional? Há muitos questionamentos, mas, a gente que gosta de educar, que ama o que faz, a gente ergue a cabeça respira e segue em frente fazendo a sua parte.